

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CLEBER GIBBON RATTO

COMPULSÃO À COMUNICAÇÃO

ensaios de ética, educação e silêncio

Tese apresentada ao Programa de P -Gradua
em Educa
do t
Universidade Cat

Prof

ORIENTADORA

PORTO ALEGRE

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R236c Ratto, Cleber Gibbon
Compulsão à comunicação: ensaios de ética,
educação e silêncio. / Cleber Gibbon Ratto. – Porto
Alegre, 2008.
185 f.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de
Educação, PUCRS.

Orientação: . Profa. Dra. Maria Helena Menna
Barreto Abrahão.

1. Educação. 2. Filosofia da
Educação.
3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm – Teorias. 4. Estética
(Filosofia) I. Título.

CDD 370.1

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrah - orientadora)

Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer (UFRGS)

Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo (UNICAMP)

Profa. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira (UFSM)

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira (PUCRS)

AGRADECIMENTOS

Ao Marcos, pela for

RESUMO

Este texto versa sobre a prolifera
moderno da auto-referencialidade no campo das ci -se
nietzscheana dos principais arautos da modernidade, a saber: a soberania da consci
unidade do “ ”
contemporaneidade
conviver na atualidade. Metodologicamente constitui-se com uma atitude geneal
Assume a forma argumentativa do ensaio como sua estrat
com a perspectiva que trata dos fundamentos, pol -se
um exerc
educa auto-referencial vem
produzindo, concomitantemente, uma exacerba
empobrecimento da experi

PALAVRAS-CHAVE: educa

ABSTRACT

COMPULSION TO COMMUNICATE- essays about ethics, education and silence

This text tells about the proliferation of communication speeches related to the modern phenomenon of self-reference in the human sciences field. It is related to the Nietzschean criticism of the main agents of modernity : the sovereignty of consciousness, the unit of self and the belief in truth. It discusses some private aspects in the contemporary ethics and politics and effects on the production of current knowing and living ways. Methodologically it is constituted with a genealogical attitude, having the argumentative essay as its composition strategy. Accompanied by the fundamentals, policies and practices of Education, it intends reflection on the border between Philosophy and Sociology of Education. The paper supports the thesis that the apology of the self-referential communication has produced, simultaneously, an excessive individualism and a poverty in the experience of the world.

KEYWORDS: education, communication, narratives, modernity, Nietzsche.

SUMÁRIO

PRE	9
APRESENTA	12
PARTE I – DEMARCAÇÕES	16
INVENTAR PROBLEMAS	16
HIST	32
PARTE II – JOGOS	48
DE SOCIEDADE	48
DE COMPULS	84
PARTE III – DISPERSÕES	124
QUANDO LER	132
ERUDI	139
NOTAS SOBRE CONVERSA MUNDANA	153
PROVOCA	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
CONVALESCEN	171
REFER	177
OBRAS CONSULTADAS	183

PREÂMBULO

“ ”

Peter Handke

Aventura e decep

voltar de uma viagem em que se acredita ter descoberto paisagens maravilhosas, objetos preciosos que se gostaria de carregar, de trazer junto e, no entanto, dar-se conta de que ao voltar -se nas m

como uma inquietude nova no olhar. (Larrosa, 1996) O escrito, o dito, o lido, s

vis experi

aventura e decep

orienta

diz que resulta escrito nunca

“ mais pr -se, se quisessem. que lhes falta a palavra. Quando temos palavra para algo, tamb ultrapassamos. Em todo falar h inventada para o corte transversal, o mediano, o comunicativo.” (Nietzsche, 2000,

Quando a experi vai sendo tomada pela forma da linguagem, algo se perde. Uma tese

Mas porque habitualmente uma tese deve ser “ ”
 mundo de modo a torn -lo compreens -se o risco da trapa ¹

A trapa
 moralizadora. Por essa Raz -se tentativas de apropria
 signific
 submetida
 mundo resiste.

H
 possibilidade de desvio, de deriva, de viagem para outros universos que n
 encerrados nestas p
 prop
 sonoridades, seus movimentos, seus encaixes, suas arestas, a pr uma
 luta. Trata-se de fazer vibrar o corpo da tese no corpo vivo da leitura atual. Um corpo-a-
 corpo.

Abdicar da familiaridade, da proximidade, da condi
 vincularia leitor e escrito de modo tranq propria
 com finalidades comunicativas. Abrir-se
 surpreender-se. Sentir-se convidado a estar mais distante de si.

Estar curioso de uma curiosidade singular. Uma curiosidade traidora², que
 n iar-se do que lhe conv
 certa condi -lo
 em composi
 escritura parcialmente alforriada de uma finalidade intr ³ Saber que:

¹ Deleuze (1998), tra

“ -lo uma caixa que remete a um dentro, e ent perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante. E trataremos o livro seguinte como uma caixa contida na precedente, ou contendo-a por sua vez. E comentaremos, interpretaremos, pediremos explica livro, ao infinito. Ou a outra maneira: considerarmos o livro como uma pequena m -significante; o funciona?’ intensidade: algo passa ou n er, nada a interpretar.” -17)

Esta nota p -se no caminho como uma tentativa de interfer disposi

Quer-se um leitor forasteiro. Como forasteiro, estranhar a l fala falado lhe seja familiar. For equivale a for -los em sua vontade de maioria e soberania. Fazer insegura a l

APRESENTAÇÃO

Este texto nasce de uma inquieta sociedade contemporânea assumido um valor utópico comunicativo -referente vem ganhando notoriedade humanas. Falar de si tornou-se uma competência diversas vias do pensamento e da ação.

Aliás, falar de si por si só -se foco dessa investigação na pretensão - arautos da episteme moderna - seus principais alvos de crítica.

O trabalho propõe-se a colocar sob suspeita a evidência mais fortes efeitos disso na modernidade, as práticas aqui emblematicamente tratadas como “...”

Defende-se a tese de que a apologia da comunicação -referencial vem produzindo, concomitantemente, uma exacerbada instrumentalização e um empobrecimento da experiência.

O trabalho argumentativo que busca sustentar a tese defende-se num recorte exemplar do grande campo das ciências humanas -se com especial atenção às narrativas no campo da comunicação.

Como perspectiva te -se na alian
da modernidade e com os principais desdobramentos disso no pensamento pol
Michel Foucault.

Metodologicamente trata-se de uma atitude geneal
proveni
interfer

O ensaio surge como estrat m todas as
dispers
apagar da tese os rastros de tudo que ela “ ” -se. Uma esp
a tese pode vir-a-ser para al

* * *

Um ponto de partida: parece haver uma incita
A cultura contempor
interesse pelo tema da comunica
suas t de humana, mas jamais como na atualidade
estiveram moduladas de tal modo a influir diretamente sobre os modos de exist
tamanho efic

A comunica
autoproclamando-se a “ ternativa”
em suas novas configura -se palavra de ordem. H
uma estreita rela “
progresso da comunica utopia”

Tal progresso n
desenvolvimentos tecnol
de um determinismo tecnol omunicativas de
nosso tempo n
s -culturais e pol -guerra, associadas ao nascimento, na d
dos mais fortes sistemas ut Uma incita
comunica -se numa m

uma incita -referente uma das grandes respons
 opera “ ” de comunica
 a produ
 consci
 o Homem como faz do elogio da comunica -referente sua condi
 sobreviv

No entanto, o ideal que nasceu como filho dileto da vontade de congrega
 humana produz tamb
 voca tratificada,
 composta pelo princ
 espa
 mundana.

Como um ensaio sobre a sociedade contempor etende-se
 um intercessor⁴, capaz de produzir algum deslocamento, abrir uma brecha, um rasgo no
 prest -referente.

* * *

Est
 PARTE I – **DEMARCAÇÕES** – Tra
 filos em
 PARTE II – **JOGOS** – Explora
 compostas a partir da incita
 PARTE III – **DISPERSÕES** – Ensaios tem

* * *

⁴ Dois pequenos fragmentos de Deleuze (1992) dar “

.....

 ” Os intercessores, assim, se poderia dizer de modo ainda mais
 preciso, s “

 ” (p.165)

Trata-se de uma tes 5

PARTE I – DEMARCAÇÕES

INVENTAR PROBLEMAS

“

Franz Kafka

Qual “ ”

o. O problema

nunca est

se inventa, se p

problema. Fazer um problema.

Cabe discutir o car

Uma “ ”

hegemonicamente presente na filosofia e ci

pensamento se d

mundo. Eis a fun

Trata-se de uma tens

incide sobre a hegemonia de uma certa modernidade oficial –

transformada em projeto da consci

“

desenvolve sob a press

e comunica

”. (Nietzsche, 2002,

se, portanto, da modernidade que produz consci

for

Acontece que quando se consegue dizer um problema ele já
superado.

Este trabalho, no entanto, não é “pós-moderno”⁵.

Num artigo intitulado “O que é a filosofia”⁶, Foucault (2000) faz a análise de este texto de Nietzsche, cuja obra: a atualidade e da relação com o presente como uma possibilidade de pensar o presente e de certo modo concorrer para sua modificação. Analisando tais elementos, Foucault propõe um momento na história da filosofia -se, para além da história de e uma questão

“... parece-me que se pode dar um sentido a essa interrogação sobre o presente e sobre o futuro. Parece-me que esta questão é importante para a ontologia crítica, não nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; concebê-la como uma atitude, um modo de ser, uma maneira de ser, somos capazes de dar uma prova de sua ultrapassagem possível.”

Com isso, Foucault acaba por trazer à tona a questão de Kant, algo diferente daquela empreendida em “O que é a filosofia”⁶, uma possibilidade de pensar a modernidade em pelo menos duas dimensões do pensamento de Kant. Duas vertentes que serão: a crítica kantiana e a crítica -kantiana. Uma, atrelada ao questionamento das condições de possibilidade do conhecimento verdadeiro (epistemologia): análise da ontologia do presente. Kant torna-se assim, na análise de Foucault, uma possibilidade

⁵ Entende-se aqui por “pós-moderno” o que Foucault entende por “pós-moderno” em seu texto “O que é a filosofia” (2000).

Com a anal -se

Auguste Comte e o movimento da filosofia anal -sax

vertente, a preocupa

verdadeiro, Comte sustenta a id

numa redu ianas que apontavam na dire

entendimento e a raz

garantia de conhecimento verdadeiro, pautado no princ “

conhecimentos que repousam sobre fatos observados” (Comte 1978, p.5). Seria necess

optar-se pelo rigor de leis naturais e invari -se no

modelo f “

filosofia positiva

cuja descoberta precisa e cuja redu

todos os nossos esfor ” (idem, p.7)

-se as bases das

psicologias cognitivas que nascer

processo de conhecer. Os pr

emerg adas as

incongru

ao mundo. Assim, o interesse pelo estudo da cogni ⁶ nasce atrelado ao discurso da

ci

Esta anal constituiu aquilo que se poderia chamar o “

oficial”

uma moral ajuizante, tanto a ci

excluir tudo aquilo que possa perturbar a estabilidade. Da ⁷, por

⁶ A refer -se aqui

para ambientar e sustentar a constru “ ”

processos estudados no ci -se que a grande

limita

desprender-se dos dilemas re-cognitivos, em que prevalece a tentativa de solu

desfazimento dos obst

complexidade, segundo ela permanentemente sonogada pela modernidade, torna-se poss

neste estudo a dimens e temporal, sint

⁷ Francisco Ortega (1999) servir -se de

. . . . Com esta express -se apenas a diferen

uma outra forma . . . aqui, diz respeito

em sua pot “

meio de sua submiss

tenha tido nos projetos de expans “ ”

encarna esteira que se constituem uma

modernidade. Ci

Explica -se na

coincid jei

Deleuze e Guattari (1996) bem a referem, quando falam de “

hist -se, em datas bastante diversas, um desmoronamento generalizado de

todas as semi neas, jogando com subst

de express

subjativa ”. (p.48)

deveria ceder lugar ao esclarecimento moderno capaz de salvar pela civiliza -

se uma moral que se isenta da responsabilidade pela supress

justifica sua a -se de um

“ rio da Modernidade: elabora um mito de sua bondade

(‘ ’

do Outro” (p.58-59).

A pretens

do sujeito que responde diretamente “

apenas uma rede de liga – apenas como tal ela teve de se

desenvolver: o homem ermit ”. (Nietzsche,

2002,

Mas como o Homem na forma que lhe deu a modernidade – a forma de
sujeito cognoscente – nem sempre existiu,

ao Homem em sua consci

riqu dade do mundo. Linguagem, consci

uma s

se reconhece na unidade do “ ”

..... ” (p.139) N

....., mas de um que coloca em xeque a condi

afirma

aproxima

pontos de

O pensamento enquanto faculdade do Homem s
 aparecimento na condi -transcendental, ao mesmo tempo, sujeito e
 objeto do saber. Assim, “
 chama homem e que abriu um espa ” (Foucault, 2002,
 p.XXII). O Homem como o concebemos modernamente, antes de uma realidade natural,
 um acontecimento na ordem do saber.

O pensamento n “
 antes daquilo que nele ”. Assim, nossa boa inten
 epistemol
 agita num lugar inaccess “
 mesmo t qual
 “ ” -individual em
 si”. (Nietzsche, 2002, 354)

No entanto, Foucault tamb
 presente. Um trabalho do pensamento sobre a atualidade, que poderia levar
 todas as categorias invariantes, tanto da metaf
 conhecimento e da ci
 presente, com as condi blemas em detrimento de
 outros. E seria numa tal ontologia do presente, consideradas as dimens
 temporal da realidade, que a ci ⁸, num
 movimento que transp mo, n
 trabalho que apenas repisa o terreno de problemas j -
 se contra si mesmo num exerc

conhecimento poder -se
 conforme a designa Deleuze (1996) referindo-se a um texto de Bergson (1948) publicado
 em 1907, que encontraremos a cogni

Tempo e mat tend

⁸ “

 ” (Braidotti,
 2000, p.131-132) Tradu

diferen

se misturam e constituem propor

dire s.

Com isso, se estilha

pressupostos do projeto hegem

conhece a objeto, tema, quest -se,

aqui, da exist

sua radicalidade o tempo

diverg eren

interna que faz do conhecer um ato de cria

imprevisibilidade.

possibilidade de supera

posto, como se as quest

intelig

prop

“ -lo, mais do que resolv -lo, pois
 um problema especulativo est
 enunciado. Quero dizer que a solu
 permanecer velada e, por assim dizer, coberta: restaria apenas descobri-la.
 Entretanto, enunciar o problema n
 relaciona-se ao que j
 tarde. A inven ”
 1979, p.127)

Nunca se trata do desvendamento ou da exposi

exclusivamente da boa inten

pr -pessoal.

sua pot rmadora. O exerc

possibilidades que cria para que a vida se expanda do que necessariamente pelas respostas

-cogni

fecha as portas

quest

Um problema
for
e faz pensar⁹.
s recursos da representa

“
como categoria da representa
seu diferencial. Algo que a cogni
concordante das faculdades e de suas condi
cognoscente, atuando a
portanto, de uma abertura para um campo de multiplicidade ou, antes, para o que
existe de diferencial no objeto, para o que n
”
(Kastrup, 1999, p.80)

A maneira como um problema se d
modo como ele vai sendo composto, arranjado, agenciado¹⁰, sem grandes chances de
previs
constituir uma outra unidade de funcionamento, na qual cada um dos termos j
exatamente aquilo que era antes de entrar em conex ando

Antes de tomar corpo na forma de uma quest
de uma for¹¹. Assim, tanto a realidade dita
subjetiva quanto a suposta objetividade do real, s
conting “
acaso, necessidade e improvisa
necessidade de criar um devir-outro que as corporifique; improvisa
devir.”

⁹ Id “ ”
¹⁰ A id idos que atribui Deleuze (1998) ao
conceito de agenciamento. “

” (p.83)

¹¹ Suely Rolnik (1993) desenvolve uma no pertinente “
’ “ (p.242)

Mas

12,

comp

problemas. A cr

ci

“ ”

Verdade s

Para Nietzsche o mundo

“ ”

como ess

o segundo a qual o

mundo estaria partido entre o que “ ”

“ ”

contingencial. Ele refuta a id

verdade, um valor e um sentido essenciais, resistentes

varia

“ ”

escondida por detr

esta sempre funcionaria como um encobrimento da verdade essencial das coisas. Para essa

no

ela pr

das apar

Esse mecanismo de duplica

mundo sens

da perman

s

m que se reporta a uma ess

a qual obt

n

um mundo partido, de um mundo cindido que toma o Ser como seu par

“

desenrola em um

manteria a doutrina dos dois mundos com os sinais invertidos, mas da aboli

uma tal duplica

‘ ’

sen

u

movimento do devir, um eterno vir-a-ser que n

nunca atinge um estado final. O que Nietzsche recusa ao negar o Ser n

uma inst

gica: a hip

de que a realidade aparente seja a express

¹² A express “ ”
sistemas filos
axioma.

devir seja a manifesta
 desdobramento de uma inst -sens ”
 sejam a representa -45)

tra

parti nto, sobre a impossibilidade de existir um princ

organiza

porque com ela Nietzsche faz do mundo uma realidade sempre imanente, onde n
 para um outro mundo que lhe dote ou funde um sentido absoluto.

Mesmo nos escritos de juventude essa concep

atravessa o pensamento de Nietzsche. No “ ”

mantenha uma concep “ ” a dionis

das apar

constituir a raz

inst . Isso constitui uma verdade

tr

“ ”

se de uma metaf

denominou. A arte seria o modo

mais eficiente de enfrentar a insuport

Mais eficiente que a raz

a arte

e aproxima

possibilitaria “

‘ ’

para ser suportado, precisa da arte como meio de prote ”

15)

na medida em que mant

uma ess

se pretenda essencial. Uma anti-metaf

No conjunto da obra, cada vez mais Nietzsche far

u alvo de

cr

tarde, em “ ”

priva daquilo que

O conhecimento

pela consci

-cogni

“
 fil – j
 conhecido, isto abituados, de modo que n
 admiramos, nosso cotidiano, alguma regra em que estamos inseridos, toda e
 qualquer coisa em que nos sentimos em casa: como? (...) Quando reencontram nas
 coisas, sob as coisas, por tr bem conhecido ou
 familiar, como a nossa tabuada, a nossa l
 ficam imediatamente felizes!”

Em “ ”

metaf e repudia no pr

Mas ainda ali Nietzsche d

que afirmar “ ”

resfriamento na as cren

tal resfriamento coloca em risco a pr

cultural – id – segundo o qual o c

cultura de duas c -ci

primeira seria a fonte de regula

segunda.

Nietzsche assume que o “ ”

reconhecer que tamb

propriamente ainda, uma pr -hist

“
 tamb dade de
 conhecer. Ele conhece a Natureza, que o faz conhecer. Ele
 hist
 palco para si mesma, onde possa aparecer. Por um breve instante a natureza
 contempla a si mesma no ser humano, esse animal inteligente. Foi o minuto mais
 arrogante e mentiroso da ‘ ,
 sobre a verdade, mas apenas um minuto.”

Os escritos desse per inscritos no rol dos
 racionalistas, uma vez que Nietzsche teria feito um deslocamento importante, fazendo valer
 mais fortemente uma cr

detrimento de uma cr gio da arte tr

da possibilidade de um mundo verdadeiro teria levado Nietzsche a recair num realismo
 ing

Mas ali j

alidade da raz

Nietzsche aponta de modo bastante claro uma oposi

o grau

existir.

“ desenvolver, sua necessidade
de um elemento ‘ , – indica o
grau de sua for -lo com mais clareza, de sua fraqueza) (...) Alguns
t desejo de certeza
que eclode hoje entre as massas sob a forma cient -positivista, esse desejo de
querer possuir algo de absolutamente est
um apoio, de um suporte, em resumo, um instinto de fraqueza.” che, 2002,
347)

H

-la. No

entanto, a raz

ant

talece e incrementa a

cegueira. Com isso, ele prop

por decorr

que auxiliar

-mundo. Para isso, no entanto,

chegando ao final da escada,

pr

“

ponto de se libertar da metaf

-lhe um olhar de superioridade; ao passo que aqui

tamb

”

que tamb

A consci , portanto, vai ser tomada a partir das formula “

Ci ”

r

eal

seu estatuto privilegiado de fun “ ”

“
cheguem – pelo menos uma parte deles –
terr , de um longo ‘ ,
animal mais amea

tinha de exprimir sua indignação – e, para tudo isso, ele necessitava, em primeiro lugar, de consci que lhe falta, de saber como se sente, de saber o que pensa. Pois, para dizer -lo mais uma vez: o homem, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não disse; o pensamento que se torna consciente dizemos: a parte mais superficial, a parte pior: - pois somente esse pensamento consciente ocorre em palavras, isto revela a origem da práxis” (Nietzsche, 2002,

Vale notar que a subjetividade atinge hegemonicamente como sintoma o corpo. Foucault ao tratar da posição Assim, a consciência ser desconstruído conhecimento ou na criação privilegiado, como instabilidade fragiliza

“ ” refere

“ ”

“ ”

“ ”

“ constitui o não subjetividade; que tomar consciência -se a si mesmo, para si mesmo; que temos que postular uma racionalidade inconsciente (em sintonia com o corpo e os impulsos), Nietzsche pretende subverter toda uma ancestral tradição. S pelos pensadores medievais, por Descartes, Leibniz e todos os pais fundadores da filosofia moderna. A consciência essencial da substância – uma vez destituída daquela dignidade ontológica – como apercepção transcendental que, nos termos de Kant, deve ser necessariamente pensada como elemento formal, unidade sintética de nossas representações”

pode inventar problemas.

O “ ” “ ”

existir na condição de sujeitos e agentes. O “ ”

s

pr -pessoais. O sujeito surge como uma fic
consci comunicativas, conseguem organizar. “

pensa, mas que esse ‘ ’ ‘ ’
somente uma suposi ‘ ”

2003,

A cren resente tamb
um desdobramento do atomismo da alma, segundo o qual haveria uma ess
indestrut

Nietzsche, no entanto, “ ais

almas”

microsc

O “ ”
multiplicidade e possibilitar, como uma fic
mundo.

“
o ‘ ’ ‘ ’
do pensamento, com o mesmo valor que ‘ ’ ‘ ’ ‘ ’
‘ ’ ‘ ’ ‘ ’ ‘ ’ ‘ ’ ‘ ’
da qual se introduz, se inventa, no mundo do vir a ser, uma esp
e, portanto, de ‘ noscibilidade”

Em resumo, o que se refuta com o pensamento de Nietzsche
primado de uma consci “ ”

consci

Assim, o problema que aqui se vai desenhando
modo como se articulam comunica

os pressupostos metaf “ ”

Giovannini (1987), num intento de tratar a hist
comunica

at

tal tomada como ponto de partida por considerar que uma poss “ -hist ”

estaria dada muito mais para uma fun

prop

para propor um passeio pela história
pelo curso histórico

o que equivale a transitar

Conhecimentos acerca do período
primitivas e a respeito da radical mudança
os ciclos da pintura pré-histórica -se no
trinta e dez mil anos atrás
hip

de elementos do mundo primitivo versus

expressões -as -se

que alguma varia

presente no homem paleolítico

inscrever nas paredes das cavernas seus signos segundo crítica

V

“ -se de uma origem onomatopéica
existentes na natureza; de um estágio
imediatas, ou seja, da passagem de expressões -verbais a expressões
com base no estudo dos chimpanzés e talvez esta seja a hipótese
debatida, interpretou-se a linguagem como um estágio
através
assim dizer primitivas do que entre as mais adiantadas, pensou-se que a linguagem
dos gestos tivesse precedido a das palavras. Por
n
refere-se a uma simples coisa ou a uma hipótese, mas o problema é que
outro implica um salto de qualidade que ainda continua totalmente misterioso.”
(Giovannini, 1987, *ibid.* p.27)

Aqui não

aparecimento da linguagem. Antes disso, vale pensar no processo que a instaura como uma
necessidade social. O que vale aqui,

elementos: ~~58~~ 0 TD(d)T3

Por n em torno do aparecimento da linguagem em
 termos precisos do ponto de vista historiogr -se por centrar a aten
 constitui um momento crucial, se n
 impulso na hist olu -se ao per
 entre seis e tr
 cria
 passam a constituir novos modos de organiza

A fragilidade f
 elementos da natureza foi o fator principal na produ
 Pelo menos essa xplicar o aparecimento dos
 primeiros regimes de socialidade.
 como um forte instrumento dessa aproxima
 imposs eri
 imp
 estar junto e, assim, torna-se indispens
 efetivamente quando se faz para todos. Signos uniformemente v
 agrupamento s -se de uma
 imbrica -se e
 para tal, o estabelecimento de certa identidade de signos torna-se indispens “
 inventor de signos
 mais aguda de si pr -lo”
 (Nietzsche, 2002,

Ao mesmo tempo em que essa trama entre agrupamento, linguagem e
 consci
 qual possivelmente a esp
 acaba por produzir um efeito de simplifica
 exer
 demanda, necessita, requer identidade. A comunica -se poss
 emerg o as palavras passam
 a designar as coisas e tornam-se uniformemente v
 (conceitos) que a comunica
 h ularidades. Passar o mundo pelas

tramas da linguagem, supor descrev-lo com signos que sejam uniformes e, por uma necessidade comunicativa, obrigat
 multiplicidade do mundo aos limites da cria talvez ainda mais
 importante do que isso tenha sido a ilus
 obrigat -se, tenha-se conseguido dar in
 proclama violenta e arriscada
 do mundo diminu
 instrumental.

A linguagem

quando se sup sa fic
 que parece ter-se nutrido, ao largo de toda sua hist
 pr
 comunicativa, respondem, j trutura racional nascida
 com a filosofia socr -plat
 como modo de aquietar a multiplicidade ca
 e sua tend a primeira experi
 de dura
 de uma progressiva consci
 fomentar a cren onsci “ ”
 Por isso, uma cr
 Nietzsche, est
 alvo n a moderna, crist
 outra), mas a pr
 comunicativa e de agrega

“
 somente ao problema da gram
 A gram
 espec
 metaf alvo final da cr
 rela
 destas categorias. Se esta rela
 prov se sustentar.
 rela
 vontade de nega ”

O desenvolvimento das diferentes gram

poder

uma hist6357j(4)033D(f)D)28 0 TD(s)Tj 39 0 TDx o

desdobramentos posteriores de uma l

p(0)Ej(4)033D(f)D)28 0 TD(s)Tj 39 0 TDx o

possibilidade no pensamento filos

p'fal 0aal 2067uk305 Tmake 04n5 04TD(S)j(4)033D(f)D)28 0 TD(s)Tj 39 0 TDx o

Ent -se aqui, de maneira breve, um mapa daquilo que se convencionou chamar hist

perspectiva da hist eneal

Trata-se ainda, o ensaio como estrat e justificando seu uso neste trabalho.

Cerca de 80% da produ -se no campo da hist cultural. (Pesavento, 2004) Contabilizam-se neste produ

em eventos, teses e disserta -se a falar

em uma virada no dom

de sessenta do s

organiza -se de um conjunto de transforma

todos os campos, por for

modernamente se chama de crise dos paradigmas explicativos da realidade. Pode-se falar de uma certa fal

verdades totalizantes e universalizadoras. Trata-se de um fim das “

an

denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo p -Segunda Guerra”

Uma variedade de grupos e movimentos sociais marca o cen

at emonicamente no trato da hist

e interesses, fomentados pelo conjunto das transforma

fez urgir no presente novas demandas, para as quais outros modos de pensar a hist

foram requeridos. Frente a isto, se estabelece um choque com a suposta consolida

determinados paradigmas hist

rigidez dos modelos.

As transforma

espalham pelos intrincados meandros da trama social, alcan

campos desde a cultura acad

variadas express

foi constituindo aquilo que o soci

“ ”

reformula a
da modernidade leva ao extremo tal prop
mas um fim em si mesmo, como aponta o autor. Neste cen
no os outros
conceitos caros
numa certa ordem de funcionamento social. Modifica
sociedade contempor pol
da cultura, demandando novas modalidades de compreens
complexifica
as intrincadas articula rno da
atualidade requer uma cuidadosa an
refer
suas atuais modalidades de constitui

A Hist herdeira de Clio na mitologia, tendo transitado do tempo do mito
ao tempo dos homens pela defini
da Verdade. Concebida enquanto narrativa do verdadeiro, a hist
realidade do acontecido, sin
transitar
estuda o passado. Esta postura acentua-se no racionalismo cartesiano do s
passando pelo Iluminismo oitocentista e galgando sua condi
Neste tr -se perceber de maneira n
a anal

Concebida na condi -se pelo s
com seu rigoroso instrumental metodol
cient
devidamente guardadas as particularidades de sua constitui ra
de an
descri

“

marxismo, particularmente forte nos anos 70, em um contexto de ditadura e

de uma hist
narrativa hist

-se a uma

diletos da cr o reconhecendo a import

d -se

acontecimento, desinvestia sua autoridade no trato das categorias hist

“ electuais brasileiros, na virada da abertura

democr

renova

Marshall Berman, Edward P. Thompson. Alguns deles eram mais lidos e difundidos, outros, apenas aflorados, timidamente, nos debates, mas todos eles indicavam, com as suas reflex pesquisa, alargando o seu campo.”

Neste bojo, a inclus s temas e categorias hist

deslocava o interesse dos historiadores, sen

epistemol -se aqui, especialmente, um

movimento na dire a como narrativa, como um certo discurso

sobre o mundo que faz de uma montagem de a

conte -se a atentar ainda para uma outra dimens

neste processo que diz respeito ao endere ento desta narrativa hist

condi

hist

como fil stas, psic

novas modalidades de abordagem hist

te -conceituais produzidas neste tempo de questionamento e transforma

variedade de conceitos novos, assim como outros tantos de significa

a integrar o campo de um certo fazer hist

te

significa partilhados pelos homens, nas pr

mundo.

A hist

(1992), certamente n

Tampouco esta tiva daqueles que nela se inscrevem ou sobre ela postulam. Um universo que tem comportado a inclus

Paul Ricoeur, Certeau, Roger Chartier, Peter Burke, Michel Foucault, entre outros, certamente in de ma p a if temporal, sen

constituição do tempo que a sua stexpuc

pertinências históricas e sociais da

Talvez uma das maiores

distinção no conhecimento da história tu seja dada por TD(i)Th

desenvolvida pelo autor ao longo de sua produção -se ent
segundo ele: 1 mos em rela

constitui como sujeitos do conhecimento; 2
rela

ontologia hist a por meio da qual nos constitu
sujeitos de a

Sendo assim, Foucault trabalha ao longo de toda sua vasta produ

prop

exist gias respons

verdade, representando, cada uma delas, uma matriz da raz

produ

sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, s

tecnologias de poder, que submetem os indiv

(aqui est

tecnologias de si, que permitem ao indiv

opera

felicidade, sabedoria, beleza, etc... Apesar da intensa articula

tecnologias na produ ser

referidas a si que Foucault dar

-se esta como

uma nova modalidade de articula

Pensar o presente em sua condi

permanente desafio

que se coloca Foucault em seu projeto ontol

“

Discurso”

classifica

m, o desafio estaria

colocado em estudar os jogos de produ

realidade, uma vez que esta

verdade. Embora haja aqui uma t

temente presente em seus

textos anteriores, Foucault desloca-se em dire

N

deslocamento, concebido como um desdobramento de sua ontologia do sujeito.

“ quando o problema do sujeito n discursos, ou imbricado de empiricidade (vida, linguagem, trabalho); mas, antes, das rela pontual e infame de lutas locais, ingl Ser esta, ent seus trabalhos e que, mais do que nunca, a voz em off de Nietzsche se far no texto foucaultiano.”

Neste contexto, a genealogia foucaultiana, inspirada em Nietzsche, constitui-se como uma estrat “

hist efeitos” ade. Falar da inspira equivale a fazer falar uma certa recusa a conceber a hist fim, e os acontecimentos dotados intrinsecamente de um sentido hist ver a accidentalidade da hist ogo em que o genealogista opera com “ de olhar que dissocia e humano que supostamente o dirige soberanamente para seu passado (...) A hist ‘ , -introduzir o descont ” 2000, p.272).

Em “ ” modo pelo qual o projeto nietzscheano de uma “ ” n ist de um fundamento a-hist hist meio de uma administra -se-ia de uma pesquisa da ess que, a rigor, tenta sustentar a id exalta o do Id m

Diferente desta postura no que tange possibilidade de uma Hist emerg reconhecimento, reminisc -la em sua condi

diverg
 acidentalidades, a desmesura das coisas. Proveni
 operadores de extrema import
 destituem valores transcendentos que sustentam as categorias metaf
 continuidade, encadeamento, origem. Foucault articula-se a Nietzsche no ponto em que se
 d

A proveni
 pertencimento que n as
 diferen
 de diferentes modos. “
 demarcat
 inumer ” “
 im
 em conformidade consigo mesmo” ,
 refere-se ao movimento de irrup
 arranjos de for
 o presente ma
 cadeia evolutiva. Esta emerg
 progressiva. Trata-se de pens -la como um determinado agenciamento de for

“
 pelo qual elas passam dos bastidores ao palco, cada uma com o vigor e a jovialidade
 que lhe
 ningu ”
 (Foucault, 2000, p.269)

Nessa dire
 que Michel Foucault trata como genealogia, aborda os acontecimentos como descont
 revigorados que devem ser em suas singularidades. Os acontecimentos est
 vertente, como emerg
 substituem, aqui, a l -se na
 condi
 lance na produ

Com isso, a genealogia constitui-se para al
 instrumentalidade da perspectiva ontol “ -saber, e por que
 n e denuncia, a todo instante, n
 quais se reserva a Verdade, mas os jogos nos quais e pelos quais a verdade emerge como
 uma Forma que se nos imp ”

tude geneal
 em fazer “
 contra a inst -los, hierarquiz -los, orden -los em
 nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ci
 possu ”
 France. “

fundamental nos dias de hoje?” 0)
 Para tal atitude geneal -se o ensaio como estrat
 isso n
 jogar com a incomunicabilidade da pr
 escrita de alguns ensaios foi, por assim dizer, uma alternativa de continuar a escrever, a
 despeito dos limites com os quais se defronta a escrita. N
 de todas as afli -se como o modo mais
 estrat -se completamente
 poder escrever.

Embora trate-se do ensaio como uma forma espec
 bem mais associada com a id -ensaio, como prop
 (2004a). O que importa efetivamente dar a ver
 desgarrar-se do compromisso sistem
 O ensaio tomado como um modo de operar o pensamento, a escrita e a
 pr -se bem mais que um mero g
 muito mais pr
 mundo. A forma-ensaio seria, portanto, o resultado final de uma atitude existencial mais
 aberta, exposta, mais vulner
 pretende Foucault.

“
 realiza de diferentes modos em diferentes
 diferentes pessoas. (...) o ensaio
 experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa,
 que ainda se produz como uma escrita que d
 por de uma forma de vida que n
 reflex ”

Nessa dire -se como um modo de escrita que
 estabelece uma rela atualidade
 na opera
 realidade, uma cena ou um fato. Trata-se da atualidade da pr
 pensamento, da escrita e da vida em processo de feitura. Isso equivale a dizer que o ensa
 est
 estejam vinculados ao presente. Um ensa -historiador, como o era
 Foucault, por exemplo. No entanto, a hist e o ensaio pode favorecer
 hist
 de toda a atualidade do que est
 daquilo que se est para devir. Assim, ensaiar passa necessariamente por
 um gesto de estranhamento das formas evidentes, com o que se torna poss
 escrever e viver no presente de modo um tanto mais transformador. Este
 elemento.

O segundo diz respeito personalidade com que a opera -ensaio se realiza.
 Trata-se de uma escrita e de um pensamento em primeira pessoa, ainda que essa
 personalidade n
 produz o ensaio mo uma posi
 objetiva do real abstrato ou emp “
 definitiva do que s
 e m ” Larrosa, 2004a, p.37) O pensamento que ensaia, portanto,
 n -
 lo. Qualquer uso, remessa ou refer
 estrat ou ouvir o que se passa numa posi
 com isso “ ”
 como

A subjetividade que se expressa no ensaio verdadeira no pr
 subjetividade ou numa verdade subjetiva. Como se trata de um ensaio que se constitui da
 atualidade do que as coisas est ividade que se manifesta tamb
 manifesta
 “ ”

dizendo. Requer, assim, n das coisas, mas de expressar o
 modo como algumas verdades v

Foucault (2001) apontou de modo bastante objetivo essa pot
 transformadora de um certo modo de pensar e de escrever, e a isso tamb
 ensaio, inscrevendo-o no campo da filosofia. Logo no primeiro texto de seu segundo
 volume da Hist
 o projeto que vinha desenvolvendo, e apresentando as modifica
 submetendo-o na continuidade de seu trabalho, a figura do ensaio aparece como a for
 mais viva do pensamento filos
 questionamento sobre a import o pensamento como um ato de cr
 modo hegem
 pr

“
 conhecimentos e n e certa maneira, e tanto quanto poss
 daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a quest
 pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se
 v a refletir. (...) Mas o que
 hoje em dia – quero dizer, a atividade filos – sen
 pensamento sobre o pr ”

No segundo, Foucault aponta o car
 modificadora n
 que se constitui nos jogos de verdade de quem se est

“ ‘ ’ – que
 jogo da verdade, e n opria
 comunica –
 era outrora, ou seja, uma ‘ ’ ”

O terceiro elemento composto a partir da ideia do ensaio, ser seu caráter aparecido convencionalmente como um estilo autoral, um modo que expressa a experiência de um sujeito e a construção. Com isso, o ensaio em que prepondera a forma-homem, o autor, o sujeito. O estilo seria, assim, nada mais que a marca, na linguagem, de um sujeito particular em seu modo de ver e detalhar o mundo com suas palavras. A questão é raticamente reduzida ao emprego de recursos expressivos próprios.

Na esteira do pensamento de Foucault o ensaio aparece com um caráter fronteiriço exclusivamente a partir de um critério manifesta -autor. O ensaio surge como uma operação escrita-pensamento apenas a exposição. A escrita encontrando suas possibilidades de alteração -fic -fia- verdade parecem já escrita como o lugar do pensamento equivale a abrir-se para o caráter pensamento filosófico ue h mais própria literatura.

“ dissolve em escrita. E -se como escrita que ele se abre para a sua própria uma experiência decidiria o que nos , no presente, na primeira pessoa.”

Tratar a filosofia como um exercício diferente do que se pensava e a alterar os modos com os quais se torna aquilo que vem sendo, passa também a tratar a escrita como uma ascensão, um conjunto de procedimentos -se, constitui-se algo diferente de si mesmo.

Para Adorno, o ensaio aparece como uma forma que n
 organizado da ci nos naquilo que ci
 carregam de concep
 verdadeira ordem do mundo. Ensaiar funciona como um modo de recusar-se a excluir o
 tempo do campo da filosofia. Contraria uma certa vontade de dura
 eternidade, uma vontade filos

ensa “
 segundo a qual o mut seria digno da filosofia; revolta-se contra essa
 antiga injusti ”

A abertura do ensaio

escrita-pensamento faz com que surja um custo, que o ensa “tem de pagar com aquela
 falta de seguran
 morte”

apologia do pensamento fragment forma atende a um certo
 crit

postulada pela Raz “
 do seu objeto, junto com a da teoria e da experi e encarnaram nela. A sua
 natureza aberta n ,

por seu conte -se contra a id ‘ ,
 id ”

por reconhecer o limite da l

orientada por um sentido essencial ou absoluto da realidade, que o ensaio abre-se como um
 desafio expressivo de grande monta. Adorno chega a comparar a pr
 aprendizagem de uma l

escolar da aprendizagem. Esse
 com as palavras que servem para designa -

ensa xperimentar as palavras, experimentar os signos sem uma obedi
 rigorosa

poder
 estrangeiro. N

norma culta, mas exatamente para que na condi

l

novas possibilidades expressivas menos fi

inven

recusa de uma maioria que lhe daria a Totalidade, o Absoluto, a Verdade. Talvez por isso o ensaio encontre tantas obje

“

totalidade como um dado e, em conseq
 comporta-se como se dispusesse do todo. Mas o ensaio n captar o eterno
 nem destila-lo do transit
 testemunha a pr -identidade, que ele deve expressar; testemunhar o excesso
 da inten ndo
 entre o eterno e o perez
 libera da id ”

O ensaio surge aqui como uma maneira de empreender uma atitude
 geneal -se dos termos em que Foucault a apresenta. Um exerc
 pensar o presente em suas vivas condi -lo e
 drapp

horas: sem interesse. (...) N
interesse' -se dizer: '
esteja errado,
import ade, de interesse s
verdade.”

PARTE II – JOGOS

DE SOCIEDADE

O mundo j
 modifica s
 progressiva e inevit
 consigo a necessidade de rever os modos de pensar o mundo. As imagens de um mundo
 consolidado pela tradi institui
 perspectiva de grandes projetos coletivos desfizeram-se pari passu a progressiva
 tecnologiza

A vontade de progresso e renova t
 pol
 dire “ ” “ ”
 barbaramente e h -inven nte dos modos de
 ser e conviver. Rapidamente, as novidades tornam-se obsoletas e s
 e mais excitantes experi
 diferen -encenadas, a cada instante.

As dist
 Paradoxalmente, diminuiu na medida em que se ampliou. O “ ”
 modernidade, trouxe a possibilidade de conex

planeta em tempo real e de ter-se virtualmente ao acesso dos dedos tudo e todos, os quais, outrora, s
que parece ter mudado
(2001), vive-se uma modernidade l

E comunicar constitui-se, nestes dias, como um apelo quase irresist
Estar em rede, estar plugado, conectado, ligado. Estabelecer conex
intercambiar. Multiplicam-se os aparatos que buscam encurtar as dist
transmiss
encontrado ou para comunicar-se. Agrega-se a aparelhagem eletr
instrumental biol -se fazendo funcionar a maquinaria comunicativa
deste tempo. Cada aparato n

para que se possa estar com os outros, sabendo o que dizem, a que se referem, e na maior parte das vezes, fabricando ju -se de um saber-para-comunicar sustentado por um comunicar-se-para-saber. Estar informado para comunicar-se e comunicar-se para estar cada vez mais e melhor informado, eis as condi b

Esse jogo parece apontar para a constitui tanto fluida, descolada de refer sam servir de orienta ¹⁶. Diferente do homem de “ ” mesmo pauta suas escolhas a partir desse saber-se sujeito, o homem contempor -se muito mais por sua condi e veloz dos elementos que comp mais por sua fluidez, flexibilidade e versatilidade, do que pela coer (afetiva, cognitiva, cultural...) que lhe seja pr a. Essa transforma -sujeito na modernidade atual ¹⁷ Por um lado, ele funciona como um intensificador da velocidade da m mais, uma ades entes em favor de um movimento permanentemente desmanchador. Por outro, esse mesmo efeito opera no sentido de constituir uma identidade por repeti -se numa determinada figura de sujeito.

Esse sujeito fluido, flex vers funcionar a m

¹⁶ Considera-se “ ” que tornam poss determinada , mais ou menos estabilizada em torno de uma certa identidade. Posi sujeito est que para uma figura identit -se assim a prefer “ ” subjetividade cunhada por Guattari (1992): “ territ ” Uma posi coincidente com a no poss est s Permanentemente certos arranjos desses elementos favorecem a emerg certas figuras que passam a constituir formas “ ”

¹⁷ Aqui, a id -efeito. Concebe-se, a partir de Deleuze (1988) que, a rigor, s pre decorrente de um corte arbitr que estanca uma multiplicidade, fazendo aparecer uma raiz, figura ilus

velocidade estonteante, todas as coisas se alteram antes mesmo de termos chance de elaborar o impacto de tais transformações. As coisas impelem a estar num lugar que já não se entende mais. É como se tudo o que se fazia antes não tivesse mais sentido. Como se as agendas, tarefas com as quais se assume uma disciplina não fossem elaboradas direito acerca dos compromissos. Como se o cuidado pessoal do qual abdica-se com culpa, o corpo que “gostaria” de ter tempo de experimentar, as coisas que já não são mais as mesmas, quais, por falta de tempo, ainda não conseguiu participar, as coisas que já não vestu ainda nem se ficou sabendo, os amores que ainda não se experimentou. Uma lista sofregamente infundada e fugidio, um tempo que nem bem se teve e por isso mesmo parece nem ter existido. Para esse tempo, um sujeito de fato não existe – da falta de foco, da falta de atenção a constante com o tempo que corre, passa e leva tudo de arrasto como se não fosse nada.

Guattari (1992) refere-se a essa condição de desterritorialização. “A desterritorialização é um processo de deslocamento do corpo, do clivado, do nudo, do território, da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado.” – “A desterritorialização é um processo de deslocamento do corpo, do clivado, do nudo, do território, da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado.” –se, portanto, de uma nova condição humana. Premidas pela velocidade, as posições não são mais as mesmas –se a partir dessa constatação.

Mas apesar de todo esse prestígio, a velocidade não é uma paradoxal polêmica. É uma velocidade que acaba por produzir diferenças. Mas, entanto, nem sempre a velocidade opera movimentos. Um conhecimento básico pode ajudar a pensar que a ocorrência de tais transformações não é necessariamente linear.

certo ponto de refer
deslocando.

Esse paradoxo se encarna, vez por outra, num certo desconforto, um mal-estar que parece advir da curiosa sensa
cravado no mesmo lugar. Tudo voa, mas continua-se parado, nada muda, pelo menos nada
que efetivamente fa

essa estranha sensa

“

Velozes e paradas. Tantas, mas t

os

t

isolados e t

”

“

nunca fomos t

dos, n

damos conta do qu

iguais nos tornamos. Iguais a n

de express

”

Da

risco da paralisia?! Como pode se produzir uma identidade, que por defini
uma certa condi

atualidade?!

torna poss

aloje no seio do torvelinho. Ainda que a repeti

reitera

Portanto,

contempor

perman

a

pol

claramente externo ao sujeito, mais recentemente, e em propor

parece ter-se tornado o pr

uina, que se confunde com ele

pr

“ ”

Esse jogos emergem numa transforma

caracter

auman

(2001) chama de liquefa

““ ’ ‘ ’ ”

como met

muitas maneiras, na hist

Para ele, desde o come o, a modernidade constituiu-se como um processo de liquefa

aparentemente imperme

teria sido a caracter modernidade em seu projeto renovador.

“ a realidade deveria ser emancipada da ‘ por defini – e isso
s quer que persistisse no tempo e fosse infenso
Essa inten
destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da ‘ adi ’ – isto
sedimento ou res
armadura protetora forjada de cren
resistissem ”

No entanto, esse car izer “ ”

tinha outro prop

outros s

Bauman, o desejo moderno de estabelecimento de uma realidade previs

conseq

consolidadas, cuja exist “ ”

t a quest

jamais saiu da agenda pol -se nesta primeira onda de

derretimento: uma liquefa

nova ordem.

No entanto, na modernidade l concebida por Bauman (2001) como
uma vers “

assim dizer, uma redistribui ‘ ’

modernidade” rdem atual por uma outra, nova e

melhor, j

projeto coletivo de transforma

a

“ ‘ dos s ’
 portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e
 um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolu
 poderiam ter mantido a quest em e do sistema na agenda pol
 s
 momento, o momento da modernidade fluida, s
 escolhas individuais em projetos e a – os padr comunica
 coordena
 a ”

Uma nova pol

no arranjo de poder que rege os modos de organiza

padr

novos pontos est

tornado mais livre ou aut “ ‘

de grupos de refer ’ ‘ ,

destino dos trabalhos de autoconstru

subdeterminado, n ”

conjunto infind

controle sobre a vida, l

-se de um

controle sobre a vida que se estabelece por for

minuciosamente, e, a despeito disso, entrega deliberadamente ao indiv

gerenciamento de sua pr -lhe como heran

individualizada e privatizada da modernidade, a responsabilidade pela trama de padr

exist “ ”

trama social acaba por resultar numa importante altera

s.

A emerg

as pr

na passagem a um outro regime de poder sobre a vida, engendrado de modo bastante

diferente daqueles sustentados numa mec

Michel Foucault (1999) em 1976, num curso do Coll

uma interessante an

nova modalidade de organiza

de for
modalidades de funcionamento do capitalismo¹⁸.

A lei
da sociedade contempor -se em fun ol
esteira de Nietzsche, pensa a pol
Diferentemente de uma tradi inverte a
m “ ”

(p.23). E disso depura tr
Primeiro, que o poder pol
reinsere perpetuamente as rela “
de reinsere -la nas institui
de uns e outros”

Segundo, que na luta pol “ ”
enfrentamentos devem ser lidos em termos de uma continua
escreve essa mesma hist

E terceiro, que a supress
que o embate intermin

acerca da sociedade de normaliza

¹⁸ A refer
proposta por F -
se com isso a um conjunto variado de transforma
contempor de bens econ
associadas -se do
campo exclusivo das rela s
amplo das forma
veloz moderniza
Al der
internacionaliza
contempor “ ..
m uma imensa
na forma -se dado de base
mais clara: “ ..
” (Guattari, 1987, p.211)

como “
biopoder, uma modalidade de a
Esta

sociedade desde o final do s

Raz -se recolocar a quest
vivas pela sociedade atual no bojo de uma altera
poder sobre a vida.

Foucault, analisando a especificidade e a articula
modalidades de poder, auxiliar
normaliza
comunica

O autor apresenta uma an -pol
defendendo a necessidade de desprender-se dela quando se quer analisar o poder em suas
modalidades de funcionamento mais atuais. Tal teoria data da reativa
preponderantemente na Idade M
monarquia e seus regimes de opera
por Foucault, que primeiramente a soberania referiu-se a um mecanismo efetivo de poder
exercido pelas monarquias feudais. No entanto, este modo n
exclusivamente nestas -se fortemente na constitui
monarquias administrativas, infiltrando mais tarde, j
religiosas. Neste momento, a teoria jur -pol
parece funcionar em campos bastante distintos, n
quanto para refor
soberano poder
protestantes antimonarquistas. A soberania, aqui, parece ter-se constitu
instrumento que joga tanto na m
representantes do poder real quanto nas dos remanescentes feudais. Trata-se, por isso, de
conceb -la como o grande instrumento da luta pol
poder do s

Ainda que de modo sum nhas gerais desta
forma de poder ligada aos princ
se exerce especialmente sobre a propriedade da terra e os produtos dela. Trata-se de um

exerc sua fei
 concreta. A soberania “
 cr
 fundamentar o poder absoluto em torno e a partir da exist ”
 (Foucault, 1999, p.43) O poder absoluto opera com uma despesa absoluta do pr
 na medida em que ele est
 uma dispendiosa unidade essencial, calcada na lei como elemento preliminar. Interessa
 sobremaneira neste ponto do trabalho, apresentar a l
 o controle sobre a vida. O poder que funciona de acordo com o modelo te -jur
 soberania exerce sobre a vida um controle que guarda particularidades muito curiosas.

Na teoria cl
 vida e a morte, fen
 centralizado no sujeito soberano. No entanto, essa centralidade na figura de um soberano,
 cujo poder se aplica
 constituir o que Foucault denomina de um paradoxo te
 fato de n ito, nem vivo nem morto.
 vontade soberana o que determina a atualiza
 torna efetivamente vivo ou morto por for
 esse paradoxo te ntar de um desequil
 de vista da opera
 morte “
 morte s erce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte. O efeito do
 poder soberano sobre a vida s
 matar”
 efetivamente torna poss
 vida -se de um direito de espada. Do ponto
 de vista pr a
 morte. H
 evidente.

No entanto, no final do s -se
 o engenho de uma nova mec ndo e
 modificando o direito de soberania.

id
 a substitui -se de um processo
 de infiltra -
 pol
 mapeamento das modalidades de poder n er
 francamente delimitados, trata-se mais de um jogo. Antes de designar com novos nomes
 essas pol
 ntes naquele momento
 para o discurso hegem
 formula
 deslocamentos do pr -se ao mesmo tempo, operador e
 objeto de uma nova m

“
 – dever – de uma nova mec
 procedimentos bem particulares, instrumentos totalmente novos, uma aparelhagem
 muito diferente e que, acho eu,
 soberania. Essa nova mec
 que eles fazem, mais do que sobre a terra e sobre o seu produto. um mecanismo
 de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e
 riqueza.
 forma descont
 poder que pressup
 exist
 princ
 e a for a daquilo que as sujeita.”

Contudo, vale dizer que esta nova mec
 incompatibilidade com a l
 adv continuou a existir como uma ideologia
 do direito e, mais do que isso, como um princ
 Europa oitocentista, inspirados nos ent
 sobreviv -se pelo menos a duas raz
 Foucault.

A primeira delas diz respeito ao fato de que a teoria jur -pol
 soberania teve uma importante influ
 entraves ao estabelecimento de um novo modo de organiza

modernas. N

objetivamente substitu

a segunda raz

culadora de um projeto que, atrav

jur

disciplinar. Uma dupla articula

de possibilidade para uma nova mec

“

vez que as coer

-se como mecanismos de

domina

apresentada no aparelho jur e reativada, conclu

da soberania.”

Toda a organiza

Primeiro jogo: uma legisla

a

n

“ ”

logo delegar tal poder ao Estado. Segundo jogo sobreposto ao primeiro: uma trama social

cada vez mais organizada em torno de tecnologias disciplinares¹⁹, garantindo com isso a

maior coes

“ ”

controle sobre a vida ao Estado. Cada jogo designa um limite. Do ponto de vista

macropol

“

disciplina:

t

”

p.45) O que Foucault faz,

terog

azeitando a m

imbricados, na raz

da genealogia foucaultiana em torno das modalidades de poder e de seus correlatos

inventos no campo dos saberes, o que torna imposs

uma suposta “

”

“ ”

¹⁹ A partir daqui entra em cena a refer

“ ”

certo arranjo de procedimentos que resulta numa determinada maneira de a

tecnologias de domina

fica com a coer

entre esse uso e a tipologia tecnol

que aqui est

– tecnologias de

sistemas de signos – tecnologias de poder – tecnologias de si) proposta por ele em “

”

(1990), reserva-se aqui o direito de operar mais livremente com tais designa

abruptamente substitui o “ ”
arbitr

um limite

O que vai se alterando e passando a constituir essa nova paisagem –
sociedade de normaliza – n
das disciplinas. H to bem composta fazendo o discurso acerca
das regras n
lei. As disciplinas v
n r este
regula e controla a pr
uma vontade soberana.
fazendo com que a regra n
mas como regra natural, regida pelo princ

normaliza
 ser nas.”
 p.45)

Com isso se altera a rela
 de uma soberania que atuava pelas tecnologias de domina
 disciplinas. Outrora, o direito sobre a vida estava dado pela possibilidade de fazer morrer
 ou deixar viver. Agora, no cen
 princ
 desenvolvimento das ci a necess
 pol
 saber-fazer-viver ou ainda, numa vers -deixar-morrer. O
 desenvolvimento das ci de um arrançamento de
 pelo menos dois heterog -paralelo: a organiza
 soberania de um lado e, de outro, uma mec
 S vo tipo de sociedade.

“
 t
 invadam o direito, que os procedimentos da normaliza m cada vez mais
 os procedimentos da lei,
 daquilo que eu chamaria de uma ‘ , ”
 p.46)

Al
 saber, nascem de um a priori hist
 Kant e um empirismo progressivo dos conte
 (Foucault, 2002)

As cid a vñ. m. m gsnascemisi e ve eenasca sto dosnte

duplica “ ”
 uma alavanca do progresso.²¹

Pode-se ressaltar ainda que essa nova modalidade de organiza
 calcada no direito da soberania e nas mec
 das ci
 para instala

Tem-se a partir daqui, o funcionamento da sociedade de normaliza
 operando a partir do s

Tr exemplar esse modo de opera
 inst
 panoptismo.

Dada essa altera
 XVIII, Foucault passa a identificar algumas caracter

uma descri -
 jur

obscura. Diferente disso, Foucault vai avan
 rela -pol

pra funcionar sob outro registro.

Toma-se como fio alguns elementos da an
 Vigiar e Punir (1977)²², quando al

exerc -se de um outro objeto (as pr
 penais), diferente daquele tomado no curso at ocura

amplo por uma genealogia das forma “
 mesmos”

Diferentemente da mec ade de soberania, o poder passa
 a ser descrito por Foucault (1984) na sociedade de normaliza

²¹ Essa ser
 eu, consci
 consci -se outra coisa que n
 pr
 da subjetividade, herdeira de Kant.

²² Vale destacar que a publica
 “ ” -se em 1975, um ano antes, portanto, do curso

mais centrado na figura do Soberano ou do Estado. “

compreender de Estado e que nada mudar sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo, ao lado do aparelho de Estado a um n ”

id lusivo da a

ser mais operativa quando se trata de descrever os modos de organiza

passa a constituir-se em sintonia com o desenvolvimento da burguesia e do capitalismo industrial, nascentes no s isso Foucault ir “

quisermos apreender os mecanismos de poder em sua complexidade e detalhe, n poderemos nos ater unicamente ”

Diferentemente da teoria jur -pol da soberania, fazendo funcionar o poder a partir da figura central do soberano em cujas m

garantido pela lei, as forma

distinto. Trata-se de uma altera

m “

grandes fogueiras, a melanc -se extinguindo.”

p.14)

Essa m ia parece ter decorrido de uma exacerba

mon

desgastando o funcionamento de uma certa pol

puni upl

“

Ele a restaura manifestando-a em todo seu brilho. A execu cotidiana que seja, se insere em toda a s

restaurado. (...) O supl ”

O superpoder mon

meio dos espet s perversidades punitivas – for

manter a associa – resultou desgastado

provocando tens “ ”

manifesta o no sentido de rep

soberano. V -se nascer aqui uma ambig

da popula

chamado como espectador, funciona como a condi
medo. “

puni to ponto devem tomar parte nela.”

outro, essa mesma presen

provocadas por um certo veredicto ou execu

puni -supl o produzida uma certa incongru

soberana. A presen

se presta, resulta tamb

nada a perder pode fazer de seus

as leis, a religi “

execu

carnaval em que os pap

transformados em her

gritos e lamentos s ” 23

Olhar para esses detalhes que v

penais no s

macropol

obviamente bem intencionadas como se poderia supor. J

XVIII constituiu-se um espraiado protesto contra os supl “

do direito; entre juristas, magistrados, parlamentares; nos chapiers de dol

os legisladores das assembl s.

f ”

exclusivamente humanista, a despeito de ser essa a justificativa predominante, os

reformadores do s n

formula -se, antes

²³ Remeta-se o leitor interessado ao pr

an articula “ ”

do s

dos criminosos, que buscava fazer passar “

..... ‘ ’ ” (p.59) Uma an

estrat “ ”

bastante instigantes abordados pelo autor.

de qualquer outra coisa, de estabelecer uma economia diferente para o poder de castigo. Essa nova economia pressupunha uma melhor distribuição de poder não demasiadamente entre instâncias -se repartir o poder em circuitos homogêneos que possam ser exercidos de modo contínuo mesmo nas mais finas malhas da trama social.

Foucault aponta o direcionamento de suas investigações, acusando o modelo teórico -jurídico -se cada vez mais de uma análise acerca das práticas

“(...) em vez de orientar a pesquisa sobre o poder para a soberania, para o que os acompanham, creio que se deve orientar a análise em direção à dominação (e não

sistemas locais dessa sujeição) -se fora do modelo de Leviatã -se de analisar -lo a partir das práticas soberania jurídica -se de analisar -lo a partir das práticas que tentei seguir nessas diferentes pesquisas que [realizamos] nos anos anteriores a partir das práticas etc.”

Eis então

poder a partir dessa prática “Nas instituições inteiramente privados. A relação de poder - passividade.” -se de descrever o poder apenas em termos negativos, o poder proibindo, recalçando, censurando, para voltar -lo no intrincado jogo de produção do corpo, também

Se no exercício

qual a a ordem disciplinar, o corpo passa a ser objeto de investimentos pautados numa positividade.

Um corpo sobre o qual se investia no sentido de destru -lo, para marcar a supremacia do poder soberano, nessa nova modalidade de a
pelo que dele se pode extrair. Trata-se de cuidar dos corpos a ponto de poder com eles produzir aquilo que se torna um valor nessa conjuntura pol
trabalho. Busca-se com isso disseminar o poder por todos os setores sociais, otimizando a difus

pol
 de liberdade, humanidade e prote ²⁵ O poder, aqui, n
 prec
 sujeitos como alvo de sua a -os
 ferramentas com as quais deseja trabalhar.²⁶

No entanto, essa fabrica
 antigas ou de disciplinas de cunho mon
 outrem, serve-se da id
 corpo para aprofundar seu prop
 destitui de sua pot
 Corpos submissos e exercitados, corpos d “
 momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa n
 suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujei
 que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto ”

²⁵ Uma pertinente cita
 das pr odelos disciplinares e o discurso do humanismo.
 “

(Foucault, 1977, p.127) Para tanto emergiram institui

l

sociais, pautando-se pelo princ

Foucault em “ ”

altamente eficazes para selecionar, hierarquizar, medir, comparar e sancionar, entre outras tantas fun das

condutas, efetivados por princ

Ac

for “

recomp

e capitalizar o tempo”

-143) Toda a organiza

trabalho capitalista industrial parece estar ancorada nesse manejo disciplinador do tempo, favorecendo a m Um esquema de automatismo parece emergir de uma

decomposi

um maior n

regula

um esquema cont

vinculando a organiza

uma forte a “ ”

temporal um ganho que n

mico, mas tamb

sujeito h

gratifica “ ”

normalidade que dita a regra de conduta, dando ao sujeito das disciplinas seu rol de obriga “

defeito, um tempo de boa qualidade, educado ao seu exerc

s

disciplinar”

Trata-se ainda de um modo espec

d

compreendido entre o final do s

reger

organiza

desenvolvendo uma aprimorada tecnologia de aproveitamento das for

prop

ciidade de

normaliza

intento ser

extra

sentes desse modo de

administrar os espa

O encarceramento funciona na mec

instala

a prote

-se como condi

efici

a produ

e outros.

Tomando o conceito de subjetividade formulado por Guattari, j

pode-se dizer sem receios que essa maquinaria normalizadora de a

em meados dos s

subjetividades. N

estabelecimento de certos modos de existir. Nesse caso em particular talvez se possa falar

de subjetividades encarceradas. Subjetividades encarceradas criando condi

figuras de sujeitos, encarcerados ou n

O quadriculamento, por sua vez, parece atender

t

das coletividades sociais, por meio de sua descri

pluralidade, submetendo-a

“

seu lugar; e em cada lugar um indiv ”

v -se

constituindo os agrupamentos e as s

operada, funciona com base em elementos que s

naturalista. Na hist

dada

pela concord

do lugar que ocupam no espa

a hierarquiza

naturais. (Foucault,

1980)

No entanto, apesar dessa refer

descri

exatamente assim que a quest

ecialmente no

trato dos espa

-se o

panoptismo como modelo espacial de a

“
 -bloco, a
 institui estabelecida
 fazer parar o mal, romper as comunica
 com o panoptismo, temos a disciplina mecanismo: um dispositivo funcional que
 deve melhorar o exerc rmando-o mais r
 um desenho das coer
 que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exce
 vigil rma
 progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos s
 multiplica ”

Foucault entrevista a emerg

r

demanda por uma mais atualizada descri

27

O modelo de Bentham al

perfeita, serve como um operador naquilo que se pode considerar a expans
 disciplinas, fazendo-as funcionar n

mas em toda parte, percorrendo a sociedade de ponta a ponta, aparentemente sem lacunas.

As tecnologias disciplinares passariam a funcionar, conforme esse modelo de a

Foucault destaca que essa extensão de analisar. A saber: uma inversão funcional das disciplinas deixando de ocupar uma posição central nos diferentes equipamentos sociais; uma ramificação exclusivamente dentro das instituições disciplinares, infiltrando e organizando as políticas parece ter servido como uma estratégia eficaz na disseminação. Entenda, no curso deste trabalho, a atualização quando as atuais tecnologias de controle biopolítico “ ”

De um exercício de sacrifício público para manter-se em sua plena potência, uma relativa modernização por meio de estratégias mais primitivas, o poder panóptico extremo o princípio da modernização de um capitalismo industrial, cuja eficiência corporativa porque disciplina a regulação cada vez mais ampla sobre a vida.

No entanto, o panoptismo não é a única forma de disciplina. Todas as sociedades, o poder jamais poderia ser alcançado. Mesmo apresentando de maneira mais extensa o mecanismo panóptico, a continuar perseguindo o poder em suas variadas formas de a como elas se apresentam naquilo que h

Mesmo apresentando de maneira mais extensa o mecanismo panóptico, a continuar perseguindo o poder em suas variadas formas de a como elas se apresentam naquilo que h

“ ”

assim dizer, das tecnologias disciplinares do trabalho, Foucault (1999) um ano mais tarde apresentar emerg

substitui panoptismo, mas de um outro detalhe, uma outra varia
 autor no curso de suas investiga
 discuss
 dire crever outras mec
 trilhas da normaliza

“
 novo, que ar dessa feita. Uma
 tecnologia de poder que n
 mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai
 utiliz -la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente gra
 a essa t
 simplesmente porque
 suporte e ” , 1999,
 p.288-289)

Nas tecnologias francamente disciplinares a a
 especialmente sustentada pelo suporte do corpo humano, na condi
 j -se do corpo como ser vivo, como homem-
 esp
 homens individuais, tomados como corpos que devem ser vigiados, treinados, utilizados e
 algumas vezes punidos, a nova tecnologia a que se refere Foucault trabalha a multiplicidade
 dos homens n

“
 nascimento, a morte, a produ a tomada de
 poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualiza
 tomada de poder que (...) n
 dire -corpo, mas do homem-esp ” 99, p.289)

Assim, uma certa an -pol
 por uma bio-pol
 Foucault chamava a aten
 longevidade os processos que foram primariamente investidos por essa biopol
 deles, processos referentes
 sanit

Toda altera
 modos como se estabelece rela
 medicina preocupada com a higiene p
 coordena cos, processos de centraliza
 sanit
 normaliza
 pr

poder/saber.

“
 contratante e o corpo social que fora constitu
 impl o dos indiv
 com seu corpo. N
 tecnologia de poder (ou, enfim, com o corpo social tal como o definem os juristas);
 n o-corpo.
 com in
 no ‘ ’”

Mas esse
 marcados nesse novo arranjo. O primeiro deles
 segundo diz respeito
 biopol “
 pol s ”
 disso, s “
 que apresentam, no plano coletivo, constantes que
 estabelecer” “
 dura
 fen ”
 pertinente a uma a

Mas para al
 objeto das pretensas a
 sobretudo de previs tomar os fen
 naquilo que eles carregam de especialidade, mas em sua face massiva. Tratar os fen
 em seu campo global, aleat

certa homeostasia, fazendo funcionar um mecanismo compensat
preponderantemente pelas m
sentido de otimiza
trabalho ou em qualquer campo social, o caminho ente daquele trilhado
pelas tecnologias disciplinares. Enquanto estas
individualizado com o prop -lo, o biopoder busca estados globais de equil
e de regularidade. Trata-se de “ cessos biol -
esp ”
1999, p.294).

Tais formula

anal nos de massa, como tamb
indubitavelmente, suporte para todo um desenvolvimento de an
trataram de dar visibilidade aos mecanismos pelos quais uma certa globaliza
dos fen eio sendo importante arma no controle
sobre os modos de exist

Eis a encruzilhada em que se coloca Michel Foucault nesse momento de sua
an
sustentados pela vigil
operam sobre uma unidade aleat
dire
importante dispositivo emergente no s
sexualidade, segundo a qual a era vitoriana funcionaria como um tempo de obscurantismo
extenso sobre as quest
hip n
de libera
elemento essencial no controle sobre os indiv “
sexualidade est
depende da disciplina, mas depende tamb ”

Obviamente todos esses elementos n
numa composi ptamente substitui a mec
tipo de sociedade, a sociedade de normaliza
biopol -se de um conjunto bastante heterog

compondo, de modo não menos complexo, a paisagem social inaugurada com o século XVIII e que se estende até

28

Como observa coerentemente Deleuze (2003), Foucault em seus estudos seriam as derradeiras e terminantes descrições acerca dos mecanismos de a do poder, e efetivamente não tanto em seu conteúdo incitando a pensar o presente em suas novas e desafiadoras configurações seu procedimento genealógico condi

-la, s

nada poder... Qual
 investimento do corpo que
 sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do s
 s -se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso,
 r
 encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos
 edif -se que este
 poder t
 sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais t
 corpo. Descobriu-se, desde ent
 atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade
 atual...” -148)

Esse

pelo autor. De um lado, coloca quest

acuidade anal

condi

discuss

d sessenta. Um poder que j

poder mais flex

Atento a essa prolifera

subseq

es ainda n

descritas, Deleuze tratou de apontar a emerg

para o qual prop -se

sociedade.

“ sociedades
 disciplinares eram eternas. Bem mais, ele pensava, evidentemente, que n
 entrar
 sociedade disciplinares por anos e anos, mas n
 sociedades de um outro tipo que seria necess
 proposta por Burroughs – e Foucault tinha uma muito viva admira –
 sociedades de controle. Entramos em sociedades de controle que se definem muito
 diferentemente das sociedades de disciplina. Os que velam pelo nosso bem n
 ou n
 escolas, os hospitais j
 -estrada, v
 auto-estradas, v
 finalidade -estrada, mas gentes podem rodar ao infinito e ‘
 sem estar inteiramente fechadas, sendo perfeitamente controladas.
 porvir.” -300) Livre tradu

Diferentemente dos que preferem falar da emergência da sociedade, uma dita “
 se de entender que Foucault est
 varia
 n
 prolifera vas tecnologias de poder acabou por intensificar e otimizar o funcionamento de uma pol
 uma nova sociedade, sen
 funcionamento social que prima pelo emparelhamento das diferen
 vida, ora disciplinando os corpos, ora regularizando as multiplicidades sociais. Pode-se falar, portanto, de duas diferentes tecnologias – disciplinar e regularizadora – que se imbricam num determinado momento, por conting -sociais, para tornar vi
 este se ergue por varia

Na aula de 17 de mar 6, Foucault exp
 concep
 regulariza “ ”
 novo modelo de sociedade, mas coloca em funcionamento novas tecnologias a servi
 imp
 n
 normaliza da norma funcionou durante algum
 tempo preponderantemente por meio de tecnologias disciplinares. Todavia,
 afirmar, e ainda assim manter certa sintonia com o pensamento de Foucault, que uma
 generaliza social seria o bastante para descrever
 o complexo funcionamento da, esta sim denominada por ele pr
 normaliza

“
 ao regulador, que se aplicar
 disciplinar do corpo e os fatos aleat
 norma -se tanto ao corpo que se quer disciplinar, como
 popula liza
 estas condi
 institui

somente uma primeira interpreta
 normaliza
 segundo uma articula
 Dizer que o poder se apoderou da vida, ou pelo menos, que durante o s
 ocupou da vida, equivale a dizer que chegou a ocupar toda a superf
 estende do org
 tecnologias da disciplina e das tecnologias de regula ”
 Livre tradu

Modos mais atuais de organiza
 convencionou denominar de sociedade de comunica
 normalizadora, como a descreve Foucault. N
 entre meios de fechamento/confinamento numa sociedade de disciplinas e meios de
 abertura/ flexibiliza -se
 metade do s
 de uma biopol a das individualidades e da a
 empenho do poder para coloc -lo sobre as popula
 Quando descreve o dispositivo da sexualidade, o autor torna bastante evidente a articula
 entre disciplinas e regulariza
 fundamentais de sustenta
 lhe s

Todo o discurso da abertura, da flexibiliza
 contemporaneidade, parece n
 s
 disciplinamento dos corpos e lan -se sobre os coletivos maiores, buscando normalizar
 as multiplicidades sociais. Zigmunt Baumam faz refer
 analisar aquilo que ele denomina a passagem de uma modernidade s
 fluidez de uma modernidade l

Com a acelera imas d
 que se d
 desenvolvimento das tecnologias da comunica
 vez mais. S com
 relativa facilidade a opera

Se, outrora, as mec
 determinados meios de fechamento e institucionaliza

n a numa sociedade que se define pela abertura e pela flexibiliza
padr

que especialmente a segunda metade do s

de uma ampla fragiliza

ide

hospital, ind

dom

antipatia pela territorialidade, pelos lugares mais est

Bauman (2001), a sociedade est “

princ io da territorialidade e do assentamento.”

(2003) coloca em quest

-se daquilo

que prefere chamar por sociedade de controle. Acompanhando um fragmento de sua

argumenta

apontando.

“

fechamento. Tudo isso, as pris

discuss rmanentes. N

sem d

N

meios de punir as gentes que a pris

por fechamento. Mesmo a escola.

que se desenvolver

o admir

o, a escola e a profiss ”

-300) Livre

tradu

Ou ainda, Deleuze (1992) discutindo a mesma esp

texto de 1990.

“ -nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento,
pris m

qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes n

param de anunciar reformas supostamente necess

a ind

; mas todos sabem que essas institui

est

-se apenas de gerir sua

agonia e ocupar as pessoas, at

as sociedades de controle que est

iedades disciplinares.”

(p.220)

Por sociedades de controle, Deleuze descreve meios pelos quais a sociedade de normaliza -se de novas estratégias. As disciplinas justificam a instituição de normas, ao contrário do desinstitucionalizador que nessa configuração desmonta a norma. A norma agora “...”,²⁹

As tecnologias regularizadoras, por sua vez, descritas por Foucault como procedimentos voltados principalmente ao controle das populações, generalizam a norma em estar em seu núcleo. “...”,³⁰ diferenciam a norma em n. nte pelos mesmos critérios. Foucault referindo-se ao final do século XX -se que segundo ele, “...”,³¹ (...) que a biopolítica não é trair seu saber e definir o campo de intervenção (Foucault, 1999, p.292).

Passadas praticamente três décadas, a intensificação da biopolítica na atualidade tornou-se um campo de intervenção operativo, definindo seu campo de intervenção. A biopolítica tornou-se um investimento massivo nas tecnologias da informação e das comunicações, e as tecnologias articuladas, as biotecnologias e estas de maneira direta a eficiência da produção. A biopolítica tornou-se presenciado na atualidade que o surgimento da comunidade global, demanda permanentemente o desenvolvimento e a otimização

²⁹ Mesmo reconhecida a existência da norma, , cunhado por Derrida, para a identificação “...”,³⁰ -se, aqui, por fazer uso dessa expressão em nossos dias. Desconstruir parece ser uma designação crítica, questionamento ou ataque a certas instituições de uma determinada tradição.

meios de controle informacional e de comunica
 sociedade global passa, de maneira indispens
 interagir, tanto no que se refere

Se as sociedades de soberania encontraram no edif
 de saber respectivo e constru
 como o s
 pol normalizadora disciplinar, parece que vers
 agora em sua vers
 Comunica
 um certo fasc
 intentos. Tendo isso, nas
 educacional. Veja-se, por exemplo, o crescente interesse pelas pr
 modo geral, com amplo prest

Pode-se dizer que a extens
 contempor
 Primeiro, a partir de 1942, uma agrega diosos provenientes de diferentes campos
 de investiga “ ”
 campo interdisciplinar que colocaria sob o mesmo signo um conjunto de diferentes
 fen os da cardiologia, da neurofisiologia, da
 telefonia, da eletr
 bastante restrito, circulando de modo mais vasto apenas na comunidade cient

Um segundo momento, inaugurado a partir de 1948 sob influ
 matem
 buscou estender a no
 desenvolvendo um conjunto de teses que buscava alastrar o tema da comunica
 campos da cultura n -se aqui a
 vontade de um paradigma unificador.

A terceira e -guerra a
 esse novo ideal ut cujo desenvolvimento atribui-se fundamentalmente a uma
 transposi
 mais fortemente depois da guerra fria, j -se da comunica

met “ ” como figuras centrais na tentativa de consolida
democracia.

Assim, a comunica

pol

principal id bilidade de traduzir toda a realidade em termos de informa
comunica

cibern

de renovar o conjunto das disciplinas em torno de uma no

como par

mundo global e unificada, em que a informa

for

“

geral, nas ci
de Palo Alto, cujas teses foram popularizadas por Paul Watzlawick. Sua obra Uma
l
comunica
psicologia e dos estudos das rela
numa fonteira entre a ci
um papel importante na difus ‘ ”
2000, p.112)

Esta parece ser uma grande for

imagin o uma nova paisagem cultural que prima pela rede
como imagem soberana das trocas sociais, tendo na efic

dos fluxos informacionais sua principal ferramenta. Os ideais da cibern

discretamente, penetram nos mais variados campos da cultura intelectual da atualidade
servindo de modelo para todos os projetos que se pretendem “ ”

partir da

intercambi todos est

A biopol

pode prescindir das tecnologias da informa

quanto se espera. Da

contempor -las como pe

m -sociais.

As tecnologias regularizadoras pr
descrita por Foucault continuam produzindo s
por meio de um elaborado aparato de biotecnologias modernas, sen
depend

At

Primeiro, uma importante rarefa
institui
na trama social e dispon “ ”
assim, assumem-se como fortes agentes de uma auto-normaliza
uma tarefa de cada um sobre si mesmo, sob pena de n
E disso tratam as ci -se de uma privatiza
poss a ampla e generalizada flexibiliza
nos mais diferentes n – vers
“ ”

Segundo, uma intensifica

uma homogeneiza
apologia
decorr de
uma identidade calcada no pr
uma m -se diferente! Nesse sentido, o poder biopol
com sua fun ia
diversidade, impondo como condi
regulares e control
informa

Importa ainda destacar que tais jogos coincidem com a ampla dissemina
de um discurso de “ ” -se ante a impossibilidade
de sustentar-se na pretens
em sua impot justi
ocupa um lugar privilegiado, servindo de novo par
vez mais individualizados. (Welsch, 1995) A est
experimental a ilus e uma liberdade irrestrita dada pela pretensa “ -constitui ”
subjetividades. (Hermann, 2005)

“ ”
 disso depende a vida em sociedade quando se pretende criar um “ ” iver.

Mas h

“
 de outra coisa. Comunicar
 comunicar. Sem comunicar n transmitido,
 revelado. Temos de nos tornar transparentes aos demais, mostrar-nos. N
 f
 canais, fibras om
 grandes comunidades. Tudo
 n

possuem realidade, mas constituem-se num permanente vir-a-ser. O que h
real uatro elementos (fogo,

pelo logos. Aqui, logos n
prop -se de uma regra organizadora de todas as coisas, uma lei comum
a todas elas e que

estaria na reserva primordial do fogo, o calor, a vibra

vivas. O fogo, em Her a met

agita

emblema da perene muta “ ”

da tr : fogo,

respectivamente. A ess

permanente conflito. Nietzsche, abordando Her

jogo de Zeus, um jogo do fogo consigo mesmo,

seja, ao mesmo tempo, m

de uma cont

er

id -se

apenas na apar

preciso captar para al aptar a intelig

dependeria de uma condi

logos nos impede de encontrar os verdadeiros limites da alma mesmo que pud

percorrer todos os seus caminhos. Disso depreende-se hegemonicamente nos dom

filosofia da comunica

jamais poder

aquecimento, de seu fogo que jamais ser

comunicabilidade.

Pode-se dizer, grosso modo, que Her

da filosofia grega. Uma vers

levantadas giravam em torno da origem das coisas. Diferentes vers

das coisas eram disputadas entre os pr -socr

indaga

grega, em que as indaga re a natureza do Ser sobre -se ao questionamento das origens e coincidência car

Parmenides parece ter sido a base da constituição ontológica -contradição transformando permanecendo nele sempre algo de conteúdo -se constitui “ ”

tendo suas influências o aristotelismo como muitas das doutrinas teológicas

Um pensamento que se funda na permanência “ ”

A metafísica -se a partir desse mesmo princípio “ ‘ pensar’ ‘ existe’ que não tem futuro. Assim, o ser -se a um não-ser, algo inexistente” s

de Heráclito uma importante variável

Assim, em Parmenides comunica -se a nós de que as coisas podem ser comunicadas elas verdadeiramente são

aparência e seguir

jamais o Ser em sua essência

traduzir com exatidão im

sintonia com o pensamento platônico – de algum modo seu benefício – Parmenides

também

essencial dos seres estáticos do logos e da filosofia.

³⁰, no entanto, que encontraremos a vers

tange

aquilo que

as experi

alguma coisa existisse e fosse pass

seria comunic

experi

“
 motivos diferentes, at
 imutabilidade do ser e do fato de as apar
 estaria escondido. As palavras s am esse ser aparente: referem-se
 e n
 ser. Para ele, os homens tamb -se pelas apar
 habilidade na alma que seria
 profunda e ilimitada.
 capacidade humana de atingir o universo al
 segredo n
 Her ”
 (Marcondes Filho, 2004, p.49)

G

aqui: falar dos limites da linguagem, n

seja inaccess

exatamente porque a experi

do que a pr

Assim, as aproxima

de coisas constitu

“
 nietzschiana seja uma esp
 realidade exterior gnifica que, uma vez que n
 vista exterior ao mundo, a realidade n
 interpretar e n – ou
 seja, acontecimentos objetivos, independentes da ordem que lhes
 homem; tampouco s – se esse termo designa entidades subsistentes e

³⁰ O di “ ”

rec

fundo filos

e nada que seja pr

a-se G

obra situada nos anos de juventude de seu autor, de tal modo a poder tom -la como um escrito d

rela

-se G

agem

plat

id – se o termo designa uma
totalidade ordenada, dotada de sentido e finalidade. O que existe al
interpreta ”
2003, p.41)

Ou ainda, as palavras do pr “
deste mundo dos fen
informul caos das sensa – logo uma o

reduzir o mundo ao universo da linguagem, restringindo-o ao que parece ter sido essa a grande inspiração para o conhecimento. Mas não

“
o
de fato, os universais são
problema
na linguagem -lhe uma capacidade comunicativa por meio de uma operação
cartesiana de divisões -lo. A palavra, o signo, a linguagem
vistos assim como realidades auto-suficientes e portadoras de comunicação
verdade, o mundo liturais como objetos
parte, isoladamente
comunicam ”

Para falar de teoria
evidentemente cada qual produzindo algumas variações -se de modo breve, num
deliberado sobre
analise
pragmatismo de maneira mais geral. Menos descrevem -las e mais sintetizam as crônicas
dirigidas aos seus principais pressupostos quando fazem aproximações
comunicativas

Saussure³², a grande referência
XIX estabelece um formalismo que toma como elemento principal a linguagem
sistema fechado, cujo interior dispõe
estudadas por e para si mesmas. Trata a linguagem
organiza a realidade. Em suas proposições
modo, predomina a clareza
verdade do significado, dada por uma estrutura inconsciente causadora do real.

32 “
.....
.....
..... Curso de Linguística
.....
..... Trabalho Sobre
o Sistema Primitivo das Vogais Indo-Européias Sobre o
emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito
Curso
.....
..... ” (Rodrigues,
1978, p.VI-VII)

Desdobramentos das id

Roman Jakobson³⁴, ainda estar
 estrutura universal, a Forma de todas as formas.
 em seus estudos de linguagem infantil, encontrar distin
 sejam comuns a todas as l
 predomina sentido est
 que um tratamento trivial de decifra
 estabelecida entre um signo e demais elementos de um mesmo c
 tradu r outro signo que lhe possa eficientemente substituir.

Assim, pode-se dizer de maneira bastante sint
 de diferentes proveni
 comunica buscam atingir os seguintes pontos de fragilid8 0 TD(a)Tj 44 0 TD(

composto de falantes e da experi deve excluir os paradoxos e os corol preponderante em sua anal pode vislumbrar um “ ” -la ao tac projeto oficial de modernidade.

Na mesma esteira, Wittgenstein (1975), tendo sido aluno de Russell, sustenta a posi ealidade de modo semelhante e da fotografia ou da pintura, mas pela constitui coisas podem ser traduzidas. Assim, a linguagem e express segundo essa regra de proje linguagem das notas. Para ele, “ sentido, j n -la se preciso do contexto para valid -la); no segundo, se confrontando-a com a realidade, ou seja, ela s ” Filho, 2004, p.61)

No per “ ” esquema formal de inspira aristot per -se para seu uso pragmat linguagem pelos princ discuss vitalidade a um signo. O signo obt linguagem da qual faz parte. Com tal no -se mais uma vez o c que encerra a linguagem em seus pr hegemonicamente sustentada a respeito de suas obras, especialmente em fun apropriada “ de Viena”

Pode-se considerar que h ocupada por Wittgenstein na hist

posicionamento quanto pelas diferentes influências no contexto intelectual da primeira metade do século XX. O pragmatismo renova a ciência. Num primeiro período, alguns, Wittgenstein reconhece a existência de um campo do conhecimento -da-linguagem, um campo do conhecimento -Pierre Cometti, no trabalho de tradução de "secrets" -entender que os conhecimentos são linguagem.

“O contraste com as correntes iluministas da primeira metade do século XIX, aquilo que não é desconforto que sentia diante do aproveitamento positivista de uma certa leitura de sua obra. Desconforto também sentido pelos neopositivistas (Neurath, Hempel, etc.) pareciam ter esquecido que o objetivo das palavras não é dizer-se de coisas diferentes das palavras. Diferentemente do Círculo de Viena, que simplesmente expurgava do campo do conhecimento tudo aquilo que não podia ser dito, não é contra a linguagem.” (Marcondes Filho, 2004a, p.382)

O fragmento citado não é apenas um exemplo de como também se pode interpretar Wittgenstein em sua obra, mas também -lo com Russell e propõe uma abordagem mais tarde daria lugar ao pragmatismo, por outro, há uma tentativa de resposta mantendo a linguagem assim como de representação de algum modo das coisas.

“
do discurso restritivo dos signos, pois, para ele, h
n
pode representar a realidade, mas n
comum com a realidade para poder representa-la, isto
representar a forma l
posicionarmos no exterior do mundo. O que se exprime na linguagem n
exprimir pela linguagem. Ou seja, h e falar, mas que s
para ele, paradoxalmente, o mais importante. Quando se refere
ou morais, n
est to da vida,
que n
experi ”

Feita essa importante ressalva, pode-se considerar que as principais cr
endere
mundo, o que aqui importa sobremaneira. Com isso, acaba-se por ceder ao
a filosofia mais “ ” -a atrav a ci
A linguagem e tamb
formaliza
l
Aos pragm e com que
discutem o fato ling
manifesta
ser descartada em nome de uma pr “ omo se
o ‘ ,
e das outras linguagens na comunica
manuais pr
pesquisadores sobre a natureza do ato comunicativo”

Essa
de influ
outras esp cies de interfer
momento
as teorias da linguagem, especialmente naquilo que estas
nominalista com pretens

A maior parte dos desenvolvimentos te
estiveram atrelados ao que se convencionou chamar modelo hipod

comunica a exist
 tr -canal-receptor. Esse modelo n
 comunica -se por diferentes
 servindo como par iais. Sociologia,
 Psicologia e Economia s
 inspira
 produzir uma naturaliza fen
 requeressem a id

E nisso encontra-se a evid
 campo da comunica
 poss l o desenvolvimento das ci
 De algum modo as teorias predominantes tanto num campo como nouro
 (comunica
 metaf al
 condi
 parte dessas teorias surgem ancoradas numa cultura escritural que privilegia o signo gr
 em detrimento das semi ita parece prestar-se mais eficazmente como
 suporte para uma esp
 princ
 comunica riam carregar de mais afeito
 fluidez das modalidades orais, estiveram submetidas
 orienta “ ” -formal de
 descri cer-se com maior presteza
 l

“ -se mais nos
 textos escritos do que na oralidade por um motivo facilmente identific
 rela amento, inclusive nas culturas
 orais prim
 componentes. Mas o exame abstratamente seq
 dos fen ita e a leitura.
 Os seres humanos, nas culturas orais prim

escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, por
 ‘...’³⁵ (Ong, 1998, p.17)

Ali sociedades modernas
 ubiq “
 simples cumprimentos de anivers
 contratos s . As mercadorias nos mercados, os
 nomes das ruas, as sepulturas – tudo tem inscri ”
 condi
 de algum modo ao registro, certifica onserva “
 atividades complexas s
 manuais de programas de computador ou livros de receitas culin
 inven ente escrita, bem como o de uma realiza
 cient ” “
 vamos ocupar no c ”
 1997, p.17) Al es e compet
 capacidade de operar com os c
 de signos gr
 institucional de forma r, trata de ensinar opera
 sociedade, dentre as quais a leitura e a escrita, indiscutivelmente. Nesse aspecto, vale dizer
 que uma parte importante dos anos de escolariza
 compet a escrita e outros tantos destes anos (chegando -gradua
 utilizar essa compet
 mais de um s
 vem sendo um prop
 preocupa
 de governo como condi “ ”

³⁵ H in -se a
 oralidade de uma cultura totalmente desprovida de conhecimento da escrita ou da impress
 aquela referida a atual cultura das altas tecnologias, na qual um novo modo de oralidade se constitui na
 intera
 oraliza crita e
 da impress

consci

tornar duradoura sua palavra.

A escrita est

baseia a cren

-alfabetizados e sobre os n -

ocidentais. A escrita alfab

principais elementos para sustentar tal cren

humanas.

Na esteira de Derrida (2002), afirmando que “n

antes da escrita”

depois da escrita, se com isso estivermos nos referindo

Para ele, o que um leitor tem nas palavras escritas de um texto como este, por exemplo, n

s

num som real ou imagin “

superf

a por um ser humano consciente como uma pista para

palavras soadas, reais ou imaginadas, direta ou indiretamente”

O autor avan

n

as sociedades de oralidade prim

ele, pensar na palavra como um signo s

ou tipogr

-se primordialmente a algo visualmente percebido.³⁶

Com isso, d

mento da palavra como r

signo para designa

soletrados como r

-se pela

manuten

simo depois da inven

escrita e da impress

“

talvez incipiente em culturas orais, mas claramente acentuada em culturas

quiogr – a reduzir toda sensa na verdade, toda a experi

an

inexoravelmente sem nenhuma parada ou divis

domado quando o tratamos espacialmente no calend

³⁶ “Signum..... ‘.....’ ‘.....’
.....
..... signum.....
.....” (Ong, 1998, p.89-90)

rel -lo aparecer dividido em unidades separadas, uma ao lado da outra. Mas isso tamb
 tem divis -noite o ontem n
 hoje. (...) Reduzido ao espa - mas
 somente parece, pois o tempo real, indivis -nos para a morte real. (N
 estou aqui negando que o reducionismo espacial seja imensamente
 tecnologicamente necess m isso somente dizer que suas realiza
 s ”

A no

surgimento da palavra como signo

orais prim

visual, era predominante. Mais que isso, mesmo quando a palavra escrita requer para si o estatuto de signo, ainda assim ela permanece um mero tra que antes de representar o mundo, o faz vibrar sonoramente.

O que importa demarcar aqui

A palavra como aquilo que seria capaz de designar o mundo tornando poss conhecimento e comunica vira signo e se arroga do mundo.

Embora essa seja talvez a mais antiga fic – pretender estabilizar o mundo na verdade que profere sobre ele – a linguagem assume na modernidade uma fei mem com consci simultaneamente condi fun “ ” como sugere Nietzsche. “ gra todas as coisas” E agora, modernamente, pretende bailar sobre ele mesmo. Isso s

“ do as leis de uma economia, de uma filologia e de uma biologia, mas que, por uma esp tor direito de conhec -las e de coloc -las inteiramente ra n “ ” pensamento cl mundo, essa estatura estranha de um ser cuja natureza (a que determina, o det atravessa desde o fundo dos tempos) consistisse em conhecer a natureza e, por conseguinte, a si mesmo como ser natural (Foucault, 2002a, p.428)

Aqui interessa de modo especial, esse lugar privilegiado que a linguagem vai ocupando nas ci... umento de conhecimento e comunica mundo. E de modo ainda mais particular, interessa a palavra que comunica a respeito de si, a palavra auto-referente. Porque o que caracteriza as ci... produzindo... modo como o Homem opera a linguagem para produzir “...” mundo. E a experi... fazedora de consci...

“... aso, o espec... -se bem que n... simples raz... espec... ist... as instaura – permitindo-lhes assim constituir o homem como seu objeto. Dir-se- pois, que h...” onde quer que se analisem, na dimens... iente, normas, regras, conjuntos siginificantes que desvelem de seus conte...” (Foucault, 2002a, p.504)

E n... “...” atribuem as psican... e aqui seria “... expressa em palavras, o dom... tratamos do inconsciente em Nietzsche; al... poderia chamar eventualmente de inconsciente remete, de imediato, ao indiz...” (2001, p.181)

Inconscientes seriam todas as for... linguagem.

A linguagem, ent... -encenada de um narcisismo prim... a vontade dura

Corroborando a hip... -se que as pautas de compreens... das pr... comunica... reconhecer como grupo. Elas d... humanos se reconhecem e com os quais se reproduzem.

“ as linguagens s
 voltar a afinar os instrumentistas; permitem aos falantes soar em tons
 idiossincr
 reconhecimento que, na maioria dos casos, tamb
 mensagem; seu uso principal n
 transmiss
 comunicativos”

nguagem passa a funcionar na modernidade. Cumprindo sua
 voca -se
 cada vez mais ele mesmo e, a isso se dar
 identidade.

Evidentemente a express
 formas diferentes a cada momento, e
 express -referencial nas
 ci o, com finalidades de saber e forma
 for

Sloterdijk prossegue dizendo que “
 falar de suas pr – e n – dessa
 insuper
 linguagem”
 cria o Homem como tamb a -referente, como
 possibilidade de re-encenar continuamente sua pr “
 linguagem, antes de converter-se em um procedimento t
 elevar-se e glorificar-se, e os discursos t da que de maneira indireta, n
 outra coisa sen ”

O Homem se ergue numa posi
 mundo e faz da linguagem, por for
 reiterada afirma

Assim
 demarcar. Uma incita -referente eleva a linguagem em
 sua fun – narcisista-prim – a uma condi A produ
 uma compuls

de uma pol
 vida – um bio-poder. Fazer falar
 nos dias de hoje. Fazer falar de si, ainda mais. Porque falar de si -se numa
 importante condi “
 segundo sua genu -prim
 discurso sempre o mesmo: ao falando n
 precisamente ele ou ela mesma e provar isso nessa linguagem, e neste preciso lugar, o da
 vantagem de poder estar em sua pr ” , 2005, p.14) Livre tradu

Mas a extens
 individualismo moderno e no esteticismo contempor
 vez maior. H de vantagem
 sobre o mundo, e

“
 prim de
 algumas na
 momento este fen
 No que tange ao indiv -
 afirma legitimidade para sair das sombras do pecado e aparecer como
 o amor-pr
 XX, e o auto-desenho no XXI”

Na ambi e um modo
 geral, atreladas “ ”
 modalidades de fontes e de tratamento. A linguagem ganha um lugar de destaque no exato
 momento em que “ ” itou as
 regras no campo do conhecimento. Se
 est
 humanas como um todo e que isso adv afetar toda
 a discuss

Larrosa (2004b) aponta que um giro ling
 das principais raz
 contempor taria composto por tr
 exist

O primeiro deles, um giro hermen
 fora da interpreta
 impens em. Este primeiro giro
 que deu
 na id

O segundo, um giro semiol
 um texto
 com aqueles fil
 que e signos. Aqui
 passa a conceber-se a relatividade, a instabilidade e a produtividade intr
 que levaria a conceber a verdade como um efeito de efici
 determinado sistema semi

E por fim, um terceiro. Um giro pragm
 humano est
 conjunto de pr
 modos narrativos e como conseq

Essas s
 perspectiva das ci
 fundamentalmente pela linguagem, e que ela , respons
 pela constitui

“
 vidas y a lo que nos pasa, no est
 interpretaciones. Lo que somos no es otra cosa que el modo como nos
 comprendemos; el modo como nos comprendemos es an
 construimos textos sobre nosotros mismos; y c
 relaci
 producci interpretaci ” (Larrosa, 2004b, p.14-15)

“
 tanto para nosotros mismos como para los otros, depende de las historias que
 contamos y que nos contamos y, en particular, de aquellas construcciones narrativas
 en las que cada un de nosotros es, a la vez, el autor, el narrador y el car
 principal, es decir, de las autobiograf ”
 (idem, p.12-13)

Dado isso, não dif
 passam a interessar-se por capitalizar todas essas formas de ser da e
 da investiga
 tecnol luida e “ ” da ed -se
 rapidamente alvo de controle social. E que maneira mais adequada de estabelecer tal
 controle, sen
 O cont or essa prolifera
 valoriza
 ter-se dado 9b4 0 TD(e)Tj 33 0 TD(n)Tj 5

Assim a dimens “ ” “ ” forma assumindo-se de modo t consci -se do primado das pr -encena a cada pr duplica conhecimento no campo das ci -a -se o sujeito com consci constitui como objeto desta consci as duas posi mediadas por indispens produzidos numa esp ci o nas pesquisas educacionais da atualidade.

Vale notar que na educa “ ” privilegiada de produ efici -pol simultaneamente a pesquisa e a forma isso ao mesmo tempo revela o quanto a educa apesar de todas suas “ ” fazer a um s nto e da moral. Assim a efici discursos educacionais como operadores da modernidade -se por for sua ampla penetra resguardada. O controle biopol opera de maneira sutil, n ostensiva de recursos disciplinares, mas atrav exerc -se vigente.

Para muitas coisas servem os novos modos de fazer pesquisa e promover forma gerenciamento e controle da produ vezes sequer se sabe reconhecer quais s das novas modalidades de controle social. Substituem-se entusiasticamente as gram com as quais s quest estabiliza -lo e comunic -lo.

Importa colocar em exame alguns efeitos dessa l -se apontar aqui
 como a entusi “ ”
 inscri ecede: a grande m
 vida pela remarca
 resultariam pelo menos dois efeitos de forte impacto sobre a vida contempor
 individualismo e um empobrecimento da experi

A fil
 pensadoras da atualidade a lan
 diagn ue impedem a a
 pol
 Arendt toma especialmente o fen 38
 nessa dire individualismo.

Para ela, a organiza
 representativos impede os indiv
 despeito de todo o investimento em pesquisas de opini
 mascaram a exclus
 posi
 nas modernas democracias. Diferente de uma “ ”
 partidos pol
 se constituir como eficientes m
 assim, passa a ser um grande palco de disputa por convic s e efetivas
 quanto maior a ades
 contraditoriamente, ao mesmo tempo em que se esvazia de seu car
 p -se um superespet
 rela
 respectivamente, a ades

Hannah Arendt chega a comparar as modernas democracias representativas
 a regimes olig sustentado pela cren
 fato de que os temas pol

³⁸ De modo ainda mais preciso, talvez seja oportuno dizer que “ ” (.)
 conceito Carl Schmitt que tem forte correspond
 (.).

cujo objetivo est
 passa a n e mais b
 vidas. A a
 buocr
 mas um palco de disputa por ades alian -se cada vez
 mais um aparelho buocr
 inevitabilidade pol -se, com isso, a modalidade de governo
 predominante. Um governo invis vel em que ningu
 governados.

O conceito de pol
 do totalitarismo. Para ela, a acontecimento totalit
 pervers do pol
 extrair
 do totalitarismo, Arendt apresenta as principais figuras de uma antipol
 como o terror sistem
 totalit
 os indiv -
 se na extin
 possibilidade para a a

Como a pr “
 fronteiras e dos canais de comunica em
 constr
 dissolvesse em Um-S -Homem de dimens ” -518)

No totalitarismo o terror funciona como a completa aniquila
 porque o pr
 intermedi -se tamb
 por reduzir ao m r
 esse avesso da pol
 pol - espa
 da a - pode garantir.

Autores contempor americano Richard
 Sennett parecem apontar em dire

tratando da privatiza
advento de uma tirania da intimidade.

Bauman (2001), por exemplo, colocando em discuss
fazem da modernidade atual um per
significativa de padr

“
costumava ser considerado uma tarefa para a raz
pol
humana, foi fragmentado (‘
individuais e deixado ra
id
a
abandonada, a com o peso da
responsabilidade) se trasladou decisivamente para a auto-afirma
Essa importante altera
quadro da ‘
daquele discurso ao direito de os indiv
escolherem
adequado.”

Embora sua
fortemente sobre a emerg
se furta de apontar, como Arendt tamb
progressivamente privatizando o espa
enfraquece sua chance de efetua
um totalitarismo que nas sociedades modernas assume uma fei -se
nos meios pelos quais vers
intensificar processos de individualiza
coletivo. Talvez se possa falar de uma diversidade de enfoque, mas, sobretudo
enxergar uma sintonia de perspectiva.

Nessa esteira muito clara entre
indiv
exerc -estar
atrav -estar coletivo, enquanto o indiv
morno quanto
individualiza

temas e interesses da intimidade, o sentido hegemônico “bem comum” parece ter-se tornado nada mais que a garantia dos direitos individuais. O bem coletivo tornou-se a garantia de que cada um possa satisfazer seus pr

Essa id
 garantia dos direitos constitucionais que, se por um lado representa uma importante a propulsora de justi
 progressivo encolhimento do poder p nos
 individuais. “ ‘ ,
 que ele observe os ‘ ,
 caminho, e que permita que todos o fa ‘ ” Trata-se do
 Estado agindo de modo a regular os desvios que coloquem em risco a seguran
 da popula
 dos indiv “ a se seus corpos e
 posses, trancando criminosos reais ou potenciais nas pris
 assaltantes, pervertidos, pedintes e todo tipo de estranhos constrangedores e maus”

Mas o interesse por desenhar esse quadro est un
 detalhe espec
 pol
 individualismo.

“ liza
 problemas para a cidadania e para a pol
 cuidados e preocupa
 p -se como seus
 expulsando tudo mais do discurso p ‘ ,
 o ‘ ,
 p
 privadas e a confiss sentimentos privados (quanto mais
 ‘ , -se quase incompreens ”
 (Bauman, 2001, p.46)

Essa privatiza
 movimentos paralelos e simult -se de seu car
 pol
 intimidades como meio de manter a dita coloniza

trata-se de uma privatiza
imbrica

Richard Sennett (1995) teve oportunidade de dizer com extraordin
propriedade, que a sociedade contempor

onde a esfera p

se constituindo uma l

valor moral, sem o que a sobreviv

imposs as essa suposta vontade de intimidade mostra-se bastante amb

coexiste com desenvolvimentos tecnol

apresenta

outra esp intimiza

retirada do sujeito dos circuitos de visibilidade. A esse novo modo de operar a l

intimidade e da privatiza

pol -se chamar intimiza

Assistida porque a exist

situa

regula -se, assim, um novo tipo de intimidade (pouco
privada) que depende diretamente de meios de apresenta

Observe-se bem que essa nova modalidade de trato da intimidade,
fortemente determinada pela l a

p

numa an

retraimento ou a privacidade. O que se altera “ -se no espa o [nessa
nova conjuntura] n

bem comum e dos princ

‘ ’’

Um individualismo de caracter icas muito peculiares, afeito ao
agregacionismo confessional, mas pouco simp

ag

O novo individualismo tenta operar com o princ

se devem ao anonimato e

filosofia da sociedade intimizada seria, ent

segundo as quais todos os problemas se reduzem a falhas de compreensão
 ineficácia. Um certo prestígio
 ao silêncio
 da covardia. Incita
 do mundo. No entanto, com isso paga-se um preço
 demasiado caro.

A comunicação ganha por comunicar cada vez mais e com maior eficiência
 grande instrumento
 talvez sua eficácia
 existirá
 política
 social de caráter
 comunicativas.

A proximidade tem surgido, contraditoriamente, como uma condição
 sobrevivência -se dizer que tal
 excesso de proximidade
 individualismo. Uma proximidade obrigatória
 supostamente aproximariam os homens e garantiriam um senso de comunidade humana. “
 que parece estar em jogo
 dramas privados são”
 (Bauman, 2001, p.83)

Paralelamente, a “comunicação” é considerada pela
 mídia
 tais dramas [os dramas psicológicos
 encenados” são temas que
 efetivamente podem interessar -se a agenda política
 desmesurada de intimidades. Desse modo, a “
 categorias políticas” relaciona
 virtude de sua capacidade de reproduzir as necessidades
 individuais”

O que se altera nessa versão
 ao longo de toda uma tradição

poder colonizador, suspeito e digno de resist

espa

-se dedicado aos perigos, bem

mais atuais, do esvaziamento do espa

coletiva e da forte coloniza er caezades. e ueta

9r aagurinel ifa o

Esta paisagem social se constitui por for

variado, no qual a compuls

s tecnologias vem tendo um papel de

destaque.

Talvez seja uma frase de Foucault (1985) a mais adequada para ambientar a

emerg

“

”

inaugurado mais fortemente no princ

ulo XX com a emerg

psicanalismo generalizado. Foucault, referindo-se a uma sociedade que incita

sobre iaas

daírimea, nte ndaca aaaa canrl

comunica a confissão de todos os regimes de verdade sobre o sexo. O mesmo se aplica à intimidade.

Durante muito tempo a confissão penitencial, o passar do tempo, a partir do protestantismo, da Contra-Reforma, da pedagogia dos jesuítas, perdendo seu caráter original, -se e este passa a servir de modelo operacional para toda uma variedade de relações e professores, pais e filhos, médicos -se, assim, tanto as motivações dessa tecnologia comunicativa. A confissão do saber como também “... r... confid...”

Mas indivíduos, naquilo que comecei a reprimir, eram chamados de confessores para sustentar um discurso de verdade sobre si mesmo. Isso representa uma mudança que deixa de se render ao discurso do pecado e da salvação para entregar-se à tecnologia confessional migra do campo religioso para o discurso da ciência.

Produzir a ciência e a necessidade de liberdade científica, tendo estes os mecanismos que favoreceram uma fecunda articulação da discursividade científica. Para funcionar no Ocidente moderno, em perfeita harmonia, os rituais da confissão do cristianismo, e a regularidade científica.

Em resposta analítica, Foucault faz uma análise dos procedimentos que importa tomar de modo mais detido para que se possa entender com maior clareza o jogo sobre o qual se desenvolve o psicanálise de que trata Robert Castel (1978).

O primeiro deles, uma codificação “ ”
 da confissão
 estabelecer essa codificação
 confissão a outras
 espécies
 de lembranças
 tornou de uma certa maneira o bojo dos
 procedimentos aceitos ou candidatos

O segundo, o postulado de uma causalidade geral e difusa. Este
 postulado segundo o qual tudo deve ser total, meticolosa e constantemente comunicado,
 uma vez que o sexo é um poder causal inesgotável
 necessário
 ou insignificante, certamente produz consequências
 existindo da causalidade geral e difusa exercida pelo sexo sobre a conduta, o
 que sustenta a exigência

Uma latitude
 Com o deslocamento operado no § XIX, ao trazer a confissão
 o discurso científico
 aqueles que o sujeito deliberadamente quer esconder, mas especialmente os que se
 escondem ao contrário dos fatos de uma revelação
 t

dribla o funcionamento obscuro, latente e fugidivo naturalmente por
 dos temas de vida A confissão

-la através
 importante

O método
 n
 dirigir. A relação
 como norma para produzir de
 n
 interpretativo oferecido por aquele que a recebe. Torna-se necessário
 revelar e a

obscura verdade do conte -la e
 decidir a partir dela o que deve ser feito. O seu “ ”
 (interpretar) que se esconde por detr “ u poss
 fazer funcionar os procedimentos de confiss
 cient
 intimidade], algo a ser interpretado”

O quinto e ocedimento
 confiss
 recodifica
 a ser o novo registro em que vai inscrever-se o resultado final de uma confiss
 normalidade/patologia surge como uma transposi
 transgress
 Foucault faz, de modo t t
 procedimento de medicaliza “

face transfigurada da confiss
 Com a descri
 fundamentais da confiss -se
 psicanalismo, conceito desenvolvido por Robert Castel (1978) numa consistente cr
 hist -pol a ao desenvolvimento da psican
 ideologias dominantes e dos mecanismos de controle social. Toma-se aqui a psican
 como suporte para esta cr -la o produto mais caro do in
 oriundo desta l “ ”

Tamanho
 dif
 psicanal

Um primeiro ponto importante de estabelecer
 e psicanalismo. Os termos n
 de modo simplista. Castel toma a psican objeto o
 inconsciente, uma teoria e um conjunto de pr
 invisibilizar suas implica
 esp imento que se

estende por diferentes n
 social bastante forte. No entanto, o conceito psicanalismo n
 geral e imprecisa de tudo aquilo que a psican nem ao conjunto geral de seus
 efeitos sobre a sociedade.

pensar como imediata e essencial a cumplicidade estabelecida entre o modelo de
 funcionamento intr canismos da ideologia dominante.

Tal cumplicidade acaba por criar ainda uma esp

da psican

isso tamb

pr

“

-senso n

psican

inconsciente que coloca entre par

est

-

pol

O psicanalismo

-psican

implica

-pol

io-pol

desconhecco, ton

Considera-se que a relevância empreendida por Castel está em função da sua abordagem da cultura a como mais uma ideologia entre outras tantas. “

intimidades, exercendo uma a normalizadora. Ele recusa a hip
 psican -se como um intento de questionamento ou contesta
 poder psiqui -a como um rearranjo desse poder com vistas a
 manter, atrav eficientes, o controle e a normaliza
 chama para si a condi
 de an -social n -psicanal
 Mas observe-se que Foucault n se em
 sua vers
 mais for
 acaba por servir de par iais. Pr
 educativas, psicoter -psiqui -se do
 estabelecimento de uma nova modalidade de trato das quest
 dos pr mais, o psicanalismo se
 espalha, ganhando novas faces e diferentes aplicabilidades.

Como bem aponta Ortega (2000) vive-se “
 continuamente a ‘ -nos’
 verdadeiras dramaturgias da intimidade”
 procedimentos b -se
 confessionais religiosos para o campo da ci
 incita ional das intimidades um objeto pass
 restringe apenas ao progressivo interesse pelo universo das pr
 psicanal
 trama social, passando a servir de par “
 ”

prescrever em rela

O psicanalismo talvez venha sendo nos dias de hoje a mais poderosa
 m
 seriam capazes de fundar. Uma m
 equipamentos psiqui ter
 sobretudo pela difus
 de submiss “ ”
 atrelada a uma obrigat “ ”

Francisco Ortega (2000) discutindo a possibilidade de novos modos de socialidade no mundo atual e tratando de uma redefini

rela ra

das an

rela

interpretada nas v

“

instiga a saber quem somos, a descobrir a verdade sobre n

determinada subjetividade, esse cultivo da dist

descoberta de si pela inven

”. (p.114)

Ser

um caminho poss

Arendt aponta que n

unificada e homog

-se sob diferentes aspectos

irredut

uma raz

pol

e a

individualiza

sequer lida com a id

espa

da pol

apontam bem mais na dire

espa

autom

Analisando o modo como Hannah Arendt se posiciona frente
esvaziamento pol

“

impede de apresentar a esfera p

a

p

existem m

criados e redefinidos constantemente, sem precisar de suporte institucional, sempre

que os indiv

experimentar, criar algo novo, o espa

surgir em qualquer lugar, n

”

N a interpreta Desde a
 d -se as mais variadas tentativas de leitura de sua obra. As principais
 tend

defensores das democracias participativas, tendem a inscrever Arendt numa tradi
 prega a necessidade de restaurar o espa
 da for -se alinhar Arendt
 para-al ca partid
 atividade de cria

liberdade.

“O lugar de nascimento da liberdade nunca
 vontade, nem seu pensamento ou sentimentos, sen
 ali onde alguns se juntam e s
 espa
 mesmo.” (Arendt, 2003, p.58)

Existe um

A liberdade em seu pensamento, assim como no de Foucault, surge como
 uma pr
 Arendt, e que sempre funciona em desalinho com as for
 Assim, um poss
 exerc
 em sociedade. Brechas, frestas, espa
 intimiza -referente.

Com isso n
 atualidade, fortemente marcada pela tirania intimista, alguma possibilidade de a
 que recrie de maneira mais efetiva os modos de subjetiva
 esp
 necessariamente uma pr

As an
 Antiguidade, certas t
 bons exemplos de uma cultura de si que n
 individualismo. Na an
 de produ

-se de

uma singulariza

tela de exposi

-se de si na

“ ‘ -se consigo’
de exercer o poder pol bre os outros e dela decorre. N
outros, n
privil
ocupado consigo mesmo. Entre privil
de emerg ”

A refer

privil -se de si para que o privil e direito

pudesse tornar-se um exerc

cuidado de si, n

forjado por essa pol -subst

autoconsci -forma,

uma emerg -sujeito em processo de diferenca

nada sint tividade. O que se quer destacar

com essa breve refer

da rela

numa cultura forjada pelos ideais do consci “ ”

matrizes de uma subjetividade intimista tendente para a comunica -

pol

Como lembrou Foucault (1996) em sua conversa com H

mais fecundas que pudessem ser as chances de uma comunica -referente tornar-se

um instrumento da a “

de acordo quando penso que se pode perfeitamente imaginar uma certa rela

verificaria entre dois indiv v

dominar e destruir completamente as rela -la de alguma

forma, pois a rela

(p.150-151)

Conclui-se lembrando parte de um pequeno texto de Deleuze, onde talvez se possa encontrar alguma pista para a reativa

m -se de olhar com estranheza o convidativo apelo
 de si e rentemente inevit
 prud
 mundano, um espa
 poss

“

com que as pessoas se exprimam, mas arranjar-lhes vac
 sil
 impedem as pessoas de se exprimir, elas as for
 ter nada a dizer, direito de n
 algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito”
 162)

as n

-

PARTE III – DISPERSÕES

.....

.....

.....

.....

.....

* * *

Passarei a apresentar, em
 em tr de coer
 A op
 tr
 O primeiro “ i ”
 e ao “ ”
 princ
 de dizer a Verdade, acreditando que a cria interpreta
 a forma por excel
 uma realidade transcendente, ordenada e constitu
 racionalidade humana, por isso mesmo apreens ente atrav
 recursos. Como n -se
 poss
 assun a cr “ ”
 unidade do “ ”
 manuten
 apar “ ” o como unidade universal e
 transcendente, torna-se poss
 entrever um “ ” -a-
 ser outra coisa permanentemente. Eis, ent m primeiro elemento. Meu estilo busca
 atender a uma necessidade de coer
 “ ”

Passemos ao segundo elemento.

Trata-se de estabelecer uma coer
 aut to, conforme eu o concebo. O pensamento n
 exato e da maneira como eu poderia soberanamente desejar. Ali
 capacidade de deriva, de indisciplina
 alimente. E essa cren
 como ensa

(ainda que n
 uma singularidade qualquer.

reporto. N

mas um direito, isso sim,

(expressar com artif

escrever o que Nietzsche (1996) bem o afirmou. “

de esp

– eis o que

estados interiores sendo em mim extraordin

poss

”

Eis o segundo elemento a que me reporto. Meu estilo busca atender a uma
 necessidade de coer

do desvio, do deslocamento em rela

Passemos, agora, ao terceiro e

da coer

Finalmente, posso afirmar que a op

apresenta

o mundo

“ ”

se eu estivesse orientado por uma ontologia do Ser, cujas caracter – unidade,

identidade e perman – acabam por exigir uma articula

argumentos devem ser t

Se ao contr

-me a uma ontologia do Devir, segundo a qual o mundo

multiplicidade ca

conveniente, por seu car

o mundo n

torna-se a tarefa primordial da escrita de uma tese.

“

de id

screver em esquemas e t

previamente tra

clareza, o car

coisas, e, inversamente, a desordem, o ca , o imponder

em um mundo falso ou imperfeitamente conhecido (...) Mas

imposs

receita de um burocrata modelo.”

o.

Pretendo uma coer

norteadores: a) uma cr “ ”
 pensamento que se alimenta da indisciplina, do desvio e do deslocamento e; c) uma
 ontologia do Devenir ao inv

poder

de rigor que passarei a tratar.

O modo de conceber esta tese n o abdica de uma certa condi
 entanto, rigor, aqui, ganha um outro cunho, uma outra acep
 epistemol
 metodol siderado rigorosa e verdadeiramente
 conhecer, o rigor com o qual me alinho, est
 produ -est -pol
 investigador.

“ posi
 erudita:
 rigor com que escutamos as diferen
 partir destas diferen es que se criam com este tipo de rigor assim
 como as regras que se adotou para cri -las, s
 exigidas pelas marcas. Est

eticamente rigoroso, porque trata daquilo que me assola de maneira intensiva, colocando em quest

diferen

problema. Evit -lo seria soterrar o que vem vindo, o que se apresenta como atual e problem

saber, neste caso uma tese, os efeitos provenientes desses movimentos intensivos. O rigor est r uma irretoc

que efetivamente se passa, mas por uma escolha deliberada de fazer aquilo que me passa, como uma experi

impass o. Muito diferente de instaurar um conjunto de argumentos incompreens

heterodoxia lan

filos e rigoroso, porque funciona como meu modo particular de abrir brechas, frestas por onde o corpo do pensamento possa devir, numa fluente e vitalizante diferencia -se, a meu modo, de uma luta contra as for

paralisam a vontade estabelecendo a verdade do “ ”

luta micropol

expans

Passo, agora, ao trato da exig

A unidade que esta tese comporta n

formal que encadeia as id

uma totalidade monol

garantida por outro princ

crucial desta tese – o trin

– serve como fio de

costura que vai atrelando os diferentes ensaios e constituindo com isso uma certa unidade

de sentidos que n -existentes. Julgo vir

nesse sentido a advert

Humano, ao questionar: “

ela lhes

”

Uma certa fragmenta

de princ

contradit jamais fixar alguma, o corpo desta tese sustenta uma unidade de

princ

que a probabilidade de compreens

esclarecer um ponto bastante controverso em rela

desejo dar-lhe nesse contexto

perspectivismo n

vari onto de onde a estiv

imagem por considerar imposs

pr

Explico melhor. De alguma maneira, essa met

“

onde se enxerga”

conhecimento, o mundo, as coisas ou a verdade variam segundo o ponto de vista

uma esp

antigo, ou ainda de maneira mais remota na pr

grande

o pensamento de Nietzsche vai al

“

samento de Nietzsche] n

afirmar que o conhecimento varia segundo o ponto de vista, mas em negar a exist

s

oder

uma ‘ ,

n

do mundo, mas porque, na aus

eens

do mundo resulta de uma rela

”

2003, p.32)

Tomar, portanto, a vis

falando n

“– Voc

olhar sobre o mundo. O que digo n

sobre ele.”

assim insuficiente para o que desejo. Por motivos que vinha explorando anteriormente, especialmente com minha alian

“ ”

racionalidade como um elemento exterior ao mundo. Assemelhar minha raz

argumentos dela decorrentes a um olho, que “

”

que lhe

coisa a ser vista, o mundo) como seres preexistentes

pod

is

humana), nada semelhante poderia ser proposto no que tange

mundo. O olho pode ser visto (num esfor

objetos, tomados de modo d -se na unidade do
 problema filos erspectivas ou olhares sobre
 um mesmo objeto. Trata-se, isso sim, de perspectivas diversas, cada uma a seu modo
 conspirando para cria
 essa a garantia de sua unidade.

, dessa for

que d

abre-se para uma multiplicidade de interpreta

qualquer interpreta ss “ ”

abdicado de reivindicar a for

pelo problema faz com que o texto se afirme como uma perspectiva e n

vista. N irada sobre o mundo.

arranjo de letrinhas cuidadosamente unificadas, concorrendo, conspirando,
 fabricando sentidos.

QUANDO LER É PRATICAMENTE ESCUTAR

“ haram-se e a
tua boca avan
”
palavras que d
portuguesa In “ ”

Enquanto leio as mem
espiando atrav
perdi
bem comportadas dos “ ”
figuras de um amor proibido, ancorado na altiva aceita “
uma vida s ”

Os ingredientes parecem os mais indicados para a narrativa ressentida das
mem
tri -se
c eto de dois homens.

No entanto, ela parece percorrer outro caminho. “
” “
felizes, embora nunca tenhamos constitu
maneira das crian -se
de-conta implac ” num faz-
da m

As frestas pelas quais espio Portugal da d
Jenny e o destino de uma paix tas abertas pelo
exerc
lembran -se a Ant
Camila, “ ”

Surpreendo-me. Aqui a mem
ressentimento. Endere
veio aos bra
suas lembran de quem fala em nome do passado. “
penses que estou a dourar o drama de tua exist
tranq ”

encharcam-se de uma atualidade inebriante. “ -me dizer ‘
 as pessoas da minha idade, porque o meu tempo
 amor com os seres que amo. Por isso tu, que chegaste ao meu colo seis anos depois do dia
 do meu casamento, tens no meu cora
 dele, que me deu a ventura de conhecer o amor”

A velhice parece dar-lhe a condi -se das lembran
 seletividade insuspeita. “ uecer
 aquilo que n -me de um ling
 ser capaz de esquecer nenhuma das vinte l
 enlouquecer por ter a cabe -se
 atafalhado de irrelev
 mais perto da ess
 Universo pelo facto de ser velha. Mas acho que ganhei em frivolidade, sobretudo depois da
 tua morte, Ant -me uma velha
 leviana”

remota, montada sobre o valor da mem e faz
 durar, aquilo que faz, por escolha, mantermo-nos fi
 improv “
 esquecimento, meu amor”

A estranheza desse amor que n retrocede, que s
 avan
 altiva, algo vigorosa. “
 para deitar pazadas de terra sobre o buraco escuro do meu peito. Mas o teu amor proibido
 empurrava-te para o limbo tr
 Nem por um segundo me ocorreu desfazer o nosso casamento. No entanto, preciso de te
 dizer que existiu mais do que pura paix ento na minha decis
 permanecer contigo para sempre. Houve tamb
 desolado desprezo da minha m
 pouco,desenvolvi a capacidade de me cingir ser tua mulher. Tu,
 que nem sequer olhavas para uma mulher, tinhas-me escolhido para viver ao teu lado uma

vida inteira. O sexo que eu desconhecia n -me o

Permaneceria tua namorada, c ”

Acompanho os movimentos de uma mem
del “

aceita ”

A aceita
condi o tempo e fazer estender-se uma exist
de sua inexor -se de inventar uma eternidade. O amor dessa
ambi “

que possamos abrir e fechar, nem passagens secretas para um s
f -nos como um len

infinito. Ningu

do progresso do mundo. S

Prolongada, a vida torna-se demasiado curta e o amor ganha o ritmo que bate leve,
levemente”

o t nny fala do t -se igual
por algum tempo. Ao tratar da eternidade com tamanha simpatia ela me desconcerta, mas
ao mesmo tempo parece que ler suas palavras algo em mim se aquieta,
disse em alto e bom som: j

enfileiradas de sua escrita que mais parece uma voz: “

repeti -se mon

a maior das vertigens, que ”

Perdura o que n

Desconfio de que nem toda dor alojada na mem -se em mat

ressentimento. Fazer durar atrav resistir, de re-

existir, melhor dizendo. Existir mais uma vez, existir de novo, existir, ainda.

cada uma dessas re-exist

nas palavras.

Jenny decide narrar suas lembran ice num gesto nada ing
despretensioso. Cada pe

encadear-se numa composi -se cada vez mais singular e instigante. Ela

o faz com clareza de prop “ ria a ningu

tivesse qualquer interesse, as pessoas aborrecem as histórias de felicidade convoca o que em não escreve-la sobretudo para Camila, temo que um dia ela descubra a totalidade dos factos e se zangue conosco. Os factos, minha querida Camila, não inventamos e encadeamos para nos sentirmos vitoriosos ou, pelo menos, seguros. Cada ser tem o seu segredo, cada amor o seu carácter transmissível devo-te um esforço que a transformes na tua particular aparição”

Jenny me diz

do jogo que me Ela fala de escolher a aceitar destino e crê-se ativamente daquilo que o destino lhe impõe “procures explicar a tua existência na divina graça”

A narrativa não

abandona. Nada em Jennifer se arrepende. Vive, aceita e se apossa. Fala de um tempo em que os afectos não

Ali não se litiga “sabes, nunca tive que procurar emprego ou desenvolver uma eficiência própria”

nas utilidades. “Não se preocupam entre si -se através de obra enriqueceram, passaram a chamar-se empreiteiros e tornaram-se exemplos a seguir para tudo. A utilidade fez-se valor dominante, os filhos estenderam as mãos inquietos aos animais vivos ou aos cadáveres das pessoas. E o amor, que não”

Tenho a impressão

conversas que mais parecem entrevistas: perguntas, respostas, concordâncias

que não faz no atropelo das coisas ditas e por dizer, na conta

premido pela necessidade de l
 este ensaio uma conversa. Mas, na verdade, eu sei, isso
 n -versa. O que h
 para mim,
 voz. Uma escrita nunca vai ser uma fala e talvez essa seja sua grande decep
 disso,
 como quem fala e eu a leio com a n
 Sou eu quem d o morto das palavras escritas por ela. Ela pr
 “
 incomunicabilidade doutrinando-me na lei da poupan ”
 Mas possivelmente haja algo em suas palavras que n
 pudesse presumir. Talvez alguns modos de escrever n
 palavras, apenas as amordacem, o que tornaria poss
 eu lhes empresto com minha leitura. A isso darei o nome de oraliza
 processo no qual a escrita tende a tornar-se outra coisa que n
 em que a escrita toma da oralidade suas condi
 “ de
 a palavra perdida que nunca voltar
 perde. Ao escutar existe algo que fica para tr -lo.
 Em segundo lugar, a oralidade
 discurso ou um discorrer que cessa sem que se haja chegado a algum termo, sempre na
 borda de algo que nunca chega, sempre na iman
 sempre inconcluso, deixando sempre uma falta, um desejo. Se ao escutar h
 sempre fica para tr
 metade, como apontado ou anunciado em um brusco interromper-se da palavra dita. Por
 isso, a oralidade
 se d ”
 Jenny n
 caracter avra que estou falando. Uma palavra que mesmo escrita me atropela,
 ganha a for -me as m -me apenas uma chance: aceit -la.
 Uma palavra que n
 aceita. S resist

mundo lhe destina. N -se de um amor
 para ser escutado, mas isso s
 quem se coloca aberto, vulner -
 se ao gosto do que

Vale dizer ainda que talvez n
 grande vil m
 ressentimento na ocorr
 cren
 descortinar a Verdade do acontecido, ent ntimento torna-se praticamente
 inevit -la como um exerc -exist
 apresenta
 existir nas palavras, faz dela algo potencialmente criador. Uma fun
 mem
 fabular. Mas para isso
 de que uma ilus pot
 Verdade que nos possa escravizar.

Jennifer luta avidamente pelo direito de lembrar, do modo como lhe
 conv -exist “
 tenho a certeza de que estou ficando louca outra vez. E sei que, desta vez, n
 Come -me. O p
 corpo invadido por um sangue grosso, que n
 ser isto a morte, o desaparecimento dos sonhos. Quase n
 de frases, estranhos que amea -me na cave de um lar, com um monte de velhas
 permanentemente urinadas, oi
 minha cabe
 reconhe -
 te cada vez com mais viol s
 teus dedos percorrendo-me o interior do corpo, magoando-me, levando-me para o c ”

Ouvir o aceite, a dura
 alegremente, escutar ru
 Em quero chamar a aten
 de si n

singularidade. Fazer a l
 abandonar a ilus io da consci
 incomunicabilidade das coisas.

A preocupa
 condutor a essa viagem pelas lembran -me, com
 ele: “ orejar? Palavra, ela permanece, parece, condenada ao balbucio;
 escrita, ao sil
 para que a linguagem realize um gozo que seria pr
 n b ”

O rumor ut
 linguagem sobre o mundo, mas do funcionamento que faz evanescer o barulho, a ruidosa
 parti “ zer ouvir a pr
 barulho: o t
 sonora”

Fugacidade e suspens
 de escrita de si parece atualizar, possibilitando uma leitura/audi
 n
 compartilhado.

ERUDIÇÃO E EXPERIÊNCIA

Nietzsche (1996) ao come
 situar de maneira bastante n
 Segundo sua suposi
 de opini “
 hier
 amea -se entre a ci ” -se, escrevendo no ano de
 1886, a um o bojo
 de sua

As quest
 domina -lhe uma fei
 predominantemente positivista. Mais que a mera cr como um universal ou
 uma abstra
 de forma viva a filosofia de um tempo com todas as sua vicissitudes. Trata-se de uma
 den i restringindo-se
 um epoquismo: a preocupa
 instrumental e servil

Com isso, vai colocando sob exame os riscos a que se v
 desenvolvimento de um fil onjuntura. O primeiro desses perigos se
 encontra no fato do edif
 aumenta a probabilidade de que “
 prender e ‘ o: de modo que jamais alcan
 onde seu olhar abrange tudo em torno e abaixo”
 fil
 j dade, o embrutecimento e a degenera
 extens

Al
 necessidade, no direito ou mesmo na obriga -se a
 crer o fil -se sobre as ci
 valor dela, exclusivamente. Assim, constr -se de modo correlato e facilmente dedut
 que para quest a melhor que a hesita

como estrat

“
 homem de ci l, seja pelo religioso-exaltado, dessensualizado,
 ‘
 viver ‘
 afastado’ e ser uma esp
 artif – n
 meus amigos? – vive de modo pouco filos
 prudente, e sente o fardo e a obriga – ele arrisca a
 si pr ”

Nietzsche reporta-se
 diferencia dessa fraqueza dada pela prud marcas que
 caracterizam o fil
 uma ci
 exaltado e desmundanizado, imagens t e s
 de exist -lhes a figura ativa de um verdadeiro fil
 a obriga -se ex-posto arriscando a si pr
 m “ ” experi
 Mas – a do erudito – que centrar
 aten -nobre deste
 exist
 erudito carrega as caracter
 autoridade tampouco auto-sufici
 e, por isso mesmo, um fraco. ce nada
 entender das fun
 no sentido mais extenso que se lhes possa atribuir. Ao erudito como -se uma
 certa respeitabilidade, que nada mais
 Ainda assim, “
 enfado”

A desconfian -se
 o signo mais forte na figura do erudito, sem o que sua identidade com o rebanho a que
 pertence n -se. O erudito na descri

ci “
 uniformidade e modera em o instinto para perceber seus
 iguais e o que eles necessitam – por exemplo, aquele pouco de independ
 verde, sem o qual n
 reconhecimento (que antes e sobretudo pressup de reconhecer e ser
 reconhece
 sua utilidade, com a qual
 base do cora um rebanho.”

Nesse esfor

Nietzsche lan
 homem de ci
 despersonaliza
 da objetividade se faz na exalta
 humana, demasiadamente humana: um conhecimento desinteressado.

O homem objetivo, considerado por ele o erudito ideal, assume uma fei
 de instrumento de rara perfei
 Um homem-espelho. O erudito-ideal, homem-espelho, n
 mesmo, sen oferecer-se como superf -se
 ao que se quer conhecido. Despe-se de sua fei
 como “ ”
 e deve livrar-se. O homem-espelho vai desmundanizando-se e essa
 efici -se, por for
 consci
 acontecimentos alheios.

As perdas do tempo e da seriedade para consigo mesmo s
 apontadas por Nietzsche na descri “
 adoece e degenera mais profundamente
 independ er no querer”
 particularmente a Fran
 essa mol
 civiliza raliza
 ditas b

por todas as partes veste os trajes do que

“ je esse aleij

Sedutoramente enfeitado! Para se engalantar e enganar, essa doen
trajes; e a maior parte, por exemplo, daquilo que hoje se exp

‘ pour l ’

da vontade’ – por este diagn

da doen

irregularmente na Europa: mostra-se mais intensa e variada onde a cultura se estabeleceu h
mais tempo, desaparece – ou novamente – faz valer seu
direito sob as vestes frouxas da educa ”

Com todos esses artif a figura de
fil

considera fil

de ci pecialmente naqueles

formados pelo modelo de Kant e Hegel, t

f

determina mais arquivistas que

criadores. Tratam de cria

verdades. “

manuse sa tarefa, a servi

da qual todo orgulho sutil, toda vontade tenaz pode encontrar satisfa ”

Reconhece que na forma

o tr

perman

poeta, colecionador, viajante, moralista, s

provis

percorrendo-os em toda sua profundidade e amplitud

para Nietzsche, a condi

Criar valores, comandar, legislar. Nessa posi “ ”

uma vontade de verdade

criadora de mundo. As posi

servir de “ ”

dire e n

-se

acerca da exist

“

fil

”

A quest

nte brecha para o

questionamento de nossa pr

exerc

perturba a ordem da forma-conteúdo -artista pertence a um mundo, por
 assim dizer, invertido, onde todo conteúdo é vida, inclusive. Um segundo traço
 afirma a condição da vida em seus instantes de plenitude. A fonte de sentido está
 dada por momentos de plenitude, característicos do -artista. Ele inventa novas possibilidades de vida,
 criando transposições e territórios
 traços do filósofo do fim
 dogmático “ ”
 interessa a autoridade da erudição do filósofo de fim
 do sentido inventando descobre e descobrindo inventa. Com isso, a filosofia parece desgrudar-se de
 uma forma disciplinar específica
 pensar a experiência tornou de um caráter
 disciplinar (como História
 mundo, onde o principal para sua obra não
 viva do mundo.

Talvez essa figura de pensamento seja mais potente para o exercício
 efetiva “ ” -artista
 um ato de insurreição
 Miguel Morey (1990). “ f
 escolarmente quanto menos. Y puede ser incluso l
 reflexivas, como otras tantas estrategias alternativas que se proponen encaminarnos a
 determinar correctamente el sentido, el valor y la verdad de alguno de los aspectos de lo
 que hay. Todo ello es muy posible. No obstante, el pensar ser
 indisciplina, y porque as
 mismo del proceso, el pensamiento, disciplinado y met
 acontecimiento que irrumpe en su curso para imponer un quiebro: nos obliga a mutar de
 umbral. Y desde
 como una tediosa marisma – y no es porque ahora nos hallemos en otro lugar, en el vasto

Oc

sextante para la navegaci – tambi ” (p.11)

O pensamento, para o verdadeiro fil

insurrei

faz pensar, o que move o exerc

disciplinada. N inten

mundo n – quando sou afetado por aquilo que desbanca meus

sentidos habituais – sen

que o mundo inscreve em meu corpo que o pensamento se constitui. No entanto, esse

pensamento n

verdades. Ao contr

inconformidade, com o excesso de pressupostos sentidos, valores e verdades comuns. A

mis

pensa por uma forte irrita -pensado.

Mas h

pensamento em tal perspectiva filos

no que pode haver de mais regular e disciplinado, que se abrem fendas, brechas, frestas pelas quais o pensamento pode mover-se. Desse modo, o pensamento que pensa n

– sen – opor-se, confrontar, produzir um antagonismo com vistas “ ”

justamente o processo de constitui em

processo o que parecia terminantemente conclu -se de um jogo intermin

uma persegui

Mas se essas s

experi e a filosofia como arte, vale perguntar-nos, parafraseando Nietzsche: ser poss

Assim, uma primeira quest -se imposterg

me refiro?! Quais s s que s

parece uma quest

para que o pensamento pense em desvio da norma, indisciplinadamente. Longe da erudita

inten “ ” o minha aten –

n – da paisagem atual. Interessa-me, em particular, um certo

regime de excesso em que, suponho, estejamos vivendo.

excesso de sentido, valor e verdade que produz o senso comum, como uma mis
pensamento, seja tamb

Convido o leitor a fazer uma breve incurs
correspond m seu
nasedouro. Por l
conversa.

De: S.
Enviado: segunda-feira, 29 de agosto de 2005 02:23:11
Para: Cleber Ratto <cgratto@hotmail.com>
Assunto: Re: nas tuas m

Ola!
fiquei lendo teu mail... pensando principalmente quando fazes
refer -se,
mudar e mudar. Parece vol
buracos de vazios... que talvez comer, comprar, comprar, clicar vai
preenchendo temporariamente, eh claro!

quanto as personagens, gostaria de conversar a respeito da Jenny. o
que paix
ressentimento/esquecimento???
abra
s.

De: Cleber Ratto <cgratto@hotmail.com>
Enviado: ter -feira, 30 de agosto de 2005 08:03:46
Para: S.
Assunto: RE: Re: nas tuas m

Bom dia, S.
Legal come
Agora -feira. T
sobre erudi s id
passada. T

Da
conversar. Mas ha
alguma id

Dos buracos, n
Quando li o que me mandaste fiquei pensando numa imagem diferente, sabe?! N
um buraco, que remeteria a um vazio, a falta de alguma coisa, pra ser preenchida.
Penso mais num tempo em que a gente n

dentadas e j

moderno, mas uma diferen
descri
al
"vertigem da dura
est

ende das palavras (as

entre tal id

abordagem de certos acontecimentos, como defende Nietzsche. N

experi “

uma hierarquia de estados an

problemas mais altos repudiam sem piedade todo aquele que ousa se avizinhar, sem estar predestinado a resolv -los pela altura e o poder de sua espiritualidade. De que servem h

como hoje ‘ ,

Mas p

das coisas; as portas permanecem fechadas para esses importunos, ainda que nelas batam e partam as cabe ”

Com isso n eira qualquer

inicia

espec

desej -la. ado an

desejante e daquilo que se deseja. Desejar uma experi -la como os mesmos recursos com os quais vivemos a regularidade disciplinada de nossa repeti

parece o mais promissor. Mas a essa quest nos par

derradeiros deste texto.

Voltemos aos excessos que nos caracterizam. O primeiro a que desejo me reportar

signo da informa “naturais”

ret

Facilmente s

fosse o resultado do ac s, ou, numa vers

atual, dispor das senhas para poder acessar os s

ocasionalmente necess -informado passou a ser um crit

importante para que fa ial ou urbana. Instala-se em

n -se tornado

imposs -se cadeias pouco vis -

comunica -conhecimento, de modo que todos, invariavelmente, em algum momento estamos assolados pela ang

existindo como agentes sociais. A despeito disso, as pol
informa sensa
tudo se repete infinitamente como se nada se alterasse. Somos perfeitamente capazes de ir a
dezenas de encontros, congressos, ler centenas de livros com as informa
ainda assim, continuarmos com a impress amente nada nos passou. Temos
mais informa
impress -existir de modo freq
em nossa sensibilidade.

Ao contr e imaginamos, o excesso de informa
em nada favorece a experi
arte e do pensamento como indisciplina. “
informa
uma antiexperi
que separ -la da informa ”
qual nos vemos incitados, pouco espa
verdades al
anteriormente, o exerc
preferirmos, do pensamento indisciplinado, depende estreitamente de brechas, de fendas, de
rasgos no senso habitual, de modo que as varia

Mas este
segundo os dias em que o tempo
mercadoria. N -lo e, ainda assim, cada vez mais nos queixamos de sua
escassez. A necessidade de “ ”
presente por “ ” ser comido pelo tempo que passa, corre, nos
atropela. Vivemos constantemente sob a silenciosa amea – se perdermos tempo – nos
tornarmos desatualizados, defasados, homens e mulheres em atraso com a rapidez dos dias.
Instigante ro por n
constantemente capitalizado, acaba nos privando de muitas coisas que possivelmente nos
fossem importantes. Assim, curiosamente n
perseguir o tempo que nos falta. Al isso, tudo que passa parece faz -lo com demasiada
rapidez. A instantaneidade e fugacidade do que (o)corre acaba privando-nos da intensidade
e da dura

sua vez, sucumbir ante a velocidade alucinante com que as coisas mudam. Como corol desse trato do tempo, surge uma obsessão pre- -se obsoleto e, por isso mesmo, supostamente disfuncional. Larrosa aponta, com excelente propriedade, que “not permanentemente excitado e j”

De modo semelhante ao excesso de informação inviabiliza a experiência -se tornado na atualidade a norma que disciplina nossos modos de existir. Normal na busca desenfreada por um tempo (estado de dura Aqui, também ocorram, passem, mas mantemos uma estranha sensação fazer diferença t “

tudo o choça, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela acarreta, a falta de silêncio valores e verdades j transforma imperman

Parecem ser essas, duas nuances bastante fortes na cena da atualidade. O excesso de informação filosofia como arte. Se a Nietzsche lhe ocupava a erudição forte antagonista na forma elementos que fortalecem esse antagonismo, transfigurando, inclusive, a figura bem posta da erudição encontram-se premidos pela ditadura do excesso. Excesso de informação m -se instados a aderir desarrazoada do presente, como modo de garantir sua atualização poucas as crônicas nenhuma delas ataca de modo eficaz aquilo que importa. Buscam substituir a pesada e tradicional erudição s crônicas -se um certo modelo de erudição

estabelecimento de um outro, mais leve e vers
desmundanizado.

Se

-se

como prop

dias atuais, em condi

Suponho que condi

da experi

can

certo sil

Uma outra esp

pela vontade de sele

nos importe. “

bastante quando nos comunicamos. Nossas viv

tagarelas. N

-se se quisessem. Falta-lhes a palavra.”

2000,

ar o mundo; aprend -lo de ouvido.

Talvez o gesto mais ativo de nossa vontade de pot

gesto de interrup

-nos tempo e espa

que nos entranhemos de mundo e, ent

ssolados por uma

experi

“ ”

NOTAS SOBRE CONVERSA MUNDANA

A conversa parece ter sido uma das mais importantes artes da no

Importa-me atentar para a for
 bastante diferente daquele que orienta nossas pr
 Interessam-me de modo particular os efeitos desse discurso e dessa cren
 de estiliza st
 Uma perfei
 exerc
 essencialista e teol -se da “
 de uma arc
 da pr emodelar a
 realidade ”

Nesse contexto, a conversa aparece como um recurso da mundanidade para
 fazer valer o jogo protegido da restaura
 coletivo de vida, no entanto, passava por desenvolver mecanismos que pudessem estilizar
 os modos de exist
 dessa estiliza
 atendia a esse duplo objetivo: por um lado, criar modos de aperfei
 atinentes
 consci

Assim, longe das pr
 conversas mundanas constitu

um sistema representativo nem com um espa lica.
 Tais for
 sociedade francesa da
 socialidade mundana, se abrindo progressivamente s
 social.
 com seu car

“
 distra

Estimamos e desejamos as coisas apenas na medida em que podem contribuir para a nossa felicidade.”

A despeito de naturalizar o gosto pelo bem-estar e pela felicidade, o tratadista cerca de importantes orientações para produzir ativamente a lembrança de animais. O autor é meticoloso de produções da preocupação com o bem-estar comum. Defende uma “simplicidade e do senso de conveniência” que constitui uma inteligência.

Ao contrário, a inteligência sempre pedagógica. Gombauds “estrangeira, na qual de início apreciamos e estudamos, fazemos incontinentemente algum progresso”

Trata-se bem mais de uma experimentação específica. As regras importam mas não há uma absoluta do sucesso na arte da conversação experimental. Trata-se para um juízo mais pela vivência científica.

Acompanhemos dois pequenos fragmentos que reforçam

“... ou por reflexões particulares. Se fosse necessário declarar a favor de um dos dois, seria, na minha opinião, se sabe por experiência...”

p.11)

“... montar a cavalo, conhecem-se os excelentes mestres do ofício e desenvolvimento que agrada sempre, mas que não se pratica sem se exercitado assim por longo tempo, a menos que tenham sido

tomados os melhores caminhos. (...) Isso se mostra tamb

esp

Nada faz notar tanto a ignor a, e o pouco progresso, que maneiras for
percebe muito trabalho.”

O segundo texto, do abade Nicolas Trublet – 1735, j
XV, embora mantenha grande proximidade com a tratad
conversa bem mais um “ ” -a de sua fun
predominantemente prazerosa e cort -se que a conversa
um ato comunicativo, despindo-se progressivamente de sua finalidade coletiva e assumindo
cada vez mais um car
cada vez mais forte “ ”

“
m uma infinidade de maneiras, pela
express ”
(Trublet, 2001, p.67)

A
formadora do mundo, da corte, da sociedade, para dobrar-se sobre o pr
Trata-se de um dos primeiros exemplares do conjunto de textos franceses que, na
seq
enfraquecendo sua pot est
declara de maneira bastante n
“

comunicados para aquele que me escuta; toda minha alma passa de algum modo para ele. A
comunica -o a ter novas id
comunica. Da
nossos conhecimentos: esse com eza dos
esp ”

A arte da conversa “
da comunica ”
pela -estar comum, mas pela produ interc
informativo e de uma revela
tornando-se um instrumento da a

felicidade e a pureza: trata-se do nascimento do imperativo da instrução conversacional. Conversar para aprender.

A finalidade passa a ser, embrionariamente, a comunicação dos sentimentos dos interlocutores, o que resulta numa progressiva associação conversacional em forma

uma associação

informal

pedagógica

no apagar das luzes do Antigo Regime e no acender revolucionário

altera

-as cada vez mais

fortemente ao impulso

O que desejo destacar é a mundanidade, vivida como uma prática teatral, da aparência

progressivamente das modernas práticas

advento de uma psicologização

distante

social, cada vez mais ser

prática

confessiva

Com isso não

-a como

paradigma de nossas modalidades relacionais. O que interessa

potencial

tornou possível

e da Moral e mais afeita

francesa dos

-lo para atualidade de

maneira simplista e linear.

em que a fragiliza

favorecer uma experiência

das práticas e conversacionais

dos quatro

Pensar como podemos de algum modo atualizar essa experi
 condi ia
 confessional com que se apresentam as pr
 consegue manter uma conversa por mais de alguns breves minutos sem que a confiss
 intimidades ocupe a cena principal ou que se torne o par das
 “ ” -historicamente, que
 nos faz tornar a conversa
 Essa parece ter-se tornado a norma dominante: fazer da conversa gar das
 confid
 cada vez mais previs

PROVOCAÇÕES SOBRE ÉTICA E ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO

Começa a ser comunicada de modo conectado a um projeto educacional que supostamente privilegia dimensões sensibilidade, a arte, o cotidiano?

Mas longe de ser uma criação ligada fortemente ao uso das novas tecnologias comunicativas, e de todos os correlatos nascidos com a tecnologia muito antes. A preocupação racionalidade tem sido uma movimentação -se sobre temas que foram reiteradamente excluídos do mundo em franca interatividade e todas as lutas pela inclusão

dos saberes a cuidar dessa realidade multifacetada que não pode ser descrita apenas sob os signos de uma moral racionalista em que a racionalidade ass

bordas e fazer valer novas modalidades de saberes e outras imagens para o que pode a educação alcançar todos”

interessantes desafios. Como conciliar uma educação que apresenta

O que me interessa, é o interesse pela comunicação uma transformação das formas de autodeterminação daqueles que forjam nossas culturas

A este respeito -se de um longo percurso que vai desde os filósofos

mesma maneira, quando as formas de a
 transcend
 importantes para a efetua o objetivo, de novas pol
 num devir criacionista, contingentes e tempor
 que lhes chegam, tais formas de a
 concorrer para novas formas de exist ia e para diferentes estilos de vida”

A progressiva penetra

projeto universalizante do mundo moral. A educa
 pensamento moderno na instala

-se desafiada a rever suas bases de justifica

A aus

projetos educacionais ou, no m
 produza um importante deslocamento da
 menos importante nos modos de compreender, justificar e orientar o agir moral.
 ent -se e intercambiar com facilidade.

Embora movimentos de cr

estivessem sendo gestados desde o s
 proliferar os discursos que acusam a impot
 um novo paradigma para a consecu -
 se encharcada por uma nova onda que busca nos movimentos de vanguarda possibilidades
 de rever seus projetos e construir pr
 metade do s
 o campo f
 correla
 sociedade que cada vez mais estetiza suas justifica
 comunica
 modos de a

diagn

as coisas mais prosaicas da vida cotidiana elaboradas no campo da cultura.
 Tudo se configura por um princ

forma. O que o autor se propõe a discutir é a “esteticidade” presente e uma problematização da estética.

Interessa-me destacar que Welsch refere-se a uma estética que seria responsável por uma mudança de paradigma, nesta “nova” perspectiva: o prazer, a diversão e a cultura em conjunto” (Welsch, p.8) Nesta nova configuração tornam-se as linhas diretrizes da atividade cultural. A cultura dos festivais e da diversão expande-se; ela serve ao abastecimento de prazer e de divertimento em uma sociedade de tempo livre”

Na educação encontramos de maneira bastante clara nos desafios cotidianos de ensino e aprendizagem. A exigência e sedutora parece ter-se tornado regra geral deste tempo. Desde o uso de aparatos tecnológicos os educadores vêm-se compelidos a despir-se de qualquer elemento que possa dar margem ao enfado e ao tédio. Ironicamente que “a educação vem-se com o grande público a um momento em que o professor ou um erudito não é mais considerado ou incompreendido” (Welsch, p.8) a eficácia da educação midiática é evidente.

Evidentemente não se trata de conhecimentos e saberes. No entanto, os meios educativos que os fazem cederem ao professorado, por sua vez, vêm-se instados a desdobrar-se na conquista da atenção que hoje parece ter-se tornado tarefa hercúlea. Os meios de comunicação vêm-se objeto de disputa num mercado em que a oferta deve ser cada vez mais atrativa e rapidamente atualizada. A educação

particular, atravessadas inevitavelmente pelas for
organiza “ ” qual, assim como no
ciberespa
adjetivos para (des)qualificar a pr -la na vala comum dos que est
“ ” “ ”
ema, uma vez mais,
canalizar, estabilizar a aten
mercado t
querem as pessoas – sonho, amor, jogos, saber, mercadorias de todos os tipos – e dar isso a
elas. Sen ”

Esta estetiza

concep Enquanto aprender numa
sociedade organizada em torno de
por um trabalho rigoroso de aperfei -lhe capaz de
agir de modo “ ” na experi
efeitos disso sobre as diferentes performances.

Al

destacado como produto desta estetiza
comunicativas: a progressiva representa
conhecimento. Tal representa
mas, sobretudo naqueles nos quais a educa
capitalismo contempor
ainda mais, sin
consumir informa
senhas de acesso. Saber passa a ser saber onde encontrar, como se saber os caminhos e as
condi
aprendizagem. A quest

Como bem aponta Breton (2000), o instrumento de uma pretensa revolu

inform
capacidade dos multim
integrar num mesmo suporte a escritura, a imagem e o som. Isso permitiria que se
modificasse completamente os problemas tratados pela educa
infinita para “ ”

sistema educativo seria o de ensinar a “avegar”
 em sua cr
 saberes, na aprendizagem, uma problem
 experi possibilidade de acesso
 ao modo como se pode apropriar os elementos coletivos da subjetividade fazendo-os ganhar
 tra “
 n obre uma dimens
 que todos os pedagogos, desde a escola prim
 processo educativo n
 de fazer a pergunta pela vontade de saber”

Al -se aos efeitos de um
 outro tipo de estetiza
 microeletr -se um produto est
 materiais industriais, por exemplo, d -se at
 eletr
 modo, a est nada pelas condi
 possibilidade, passa ao primeiro plano, antecedendo em muito as realiza
 materialidade formal. A estetiza -se cada vez mais uma estetiza
 imaterial que interfere diretamente sobre nossa vida concreta, mas tamb
 concep “
 mais importante o efeito na consci
 Quando se entra no mundo virtual como num mundo real, faz-se concretamente a
 experi
 o que h
 Leibniz ou de um Borges, segundo a qual o que num estado de consci
 em verdade poderia ser o sonho de um outro estado de consci -se a suspeita geral
 sobre a realidade. As fronteiras entre realidade e virtualidade tornam-se definitivamente
 incertas e porosas”

Al
 respeito
 determina
 empoderado de sua pot -se capaz de

moldar a pr
material. Muitos foram os pensadores que engrossaram as fileiras dessa vanguarda
filos a que pretende a est

Sem d -est

bastante promissora num mundo desprovido de fundamentos. Criar a si pr
si mesmo, artistar a pr a promessa entusi

Cada um a seu modo acaba sendo alvo desse novo regime discursivo que
valoriza e exalta a possibilidade de uma autodetermina “

tornou-se a figura de proa. Ele , educado, e sobretudo de um gesto
seleto – e ele sabe: gosto n

inseguran

possibilidades, em distanciamento l ”

Apesar de n

a influ

das pr s culturalistas, a crescente

comunitariza

aberturas institucionais de toda ordem s

alastram na cena contempor -nos a n mpress

nossas pr

Uma discuss

conjuntura, passa necessariamente por um distanciamento cr

com a pr locado relativamente entre par

entendimento poss

Ali

no campo educacional. Na educa

Ali s, todo fen

afinal de contas a educa

e conviver, n

Seja na escola, fora da escola, com a escola que se abre, que se fecha, que l

Paulo Freire, os humanistas, ou Deleuze e os “ -modernos”

inventando... o que a mim me parece indiscut

um projeto
muito antes... idade, come

Mas

nos tornamos. Porque a Modernidade pretendeu a autonomia do sujeito. A emancipa
homens pelo esclarecimento, pelo exerc sso tudo na pretens
da felicidade, eu acho. Afinal

E tamb

totalit
justifica universal da
import

Mas a Raz

conta da moralidade e da sabedoria. O s
Fomos capazes de uma ampla tecnologiza
cient
contempor

Abdicar dos fundamentos metaf ícos que at

emancipat
para toda e qualquer exig
especialmente, a necessidade de continuar pensando, tensionados por todas as mudan
racionalidade, muito antes de ser um exerc
de tentar conciliar a necess
ideais de liberdade e emancipa ncontram bases pol
sustenta

O car

profundas mudan do gestadas no campo da discuss
s
confortadoras. O s -est
escolha, uma op alada num novo clima de
resta, um certo consolo metaf

n

pr ada tem a ver com qualquer inviabilidade dos empreendimentos

cr

servindo de refer

de uma necessidade da sensibilidade est

Talvez ele tivesse raz

Ali

que me -se facilmente “ ” ara

meu gosto. Nisso deve haver algo do modo como o lemos aqui no Brasil, pela m

“ ”

A professora Scarlett Marton (2001) nos oferece uma curiosa provoca
sobre a recep a um olhar mais

refinado de tal fen “

extrema-esquerda francesa fez dele o suporte de suas teorias, aqui [no Brasil] passou a ser
visto como iconoclasta. Na Fran outros, questionavam

conceitos desde sempre presentes na investiga

consagradas pela tradi

Freud, inclu ‘ ’ sso pa

caixa de resson -se a vertente corrosiva de seu pensamento.

Ent

marcado pela ousadia e pela irrever ele se recorreu para afirmar a necessidade

de transbordamento e excesso, o desejo de

para proclamar radicalismos pol

‘ ’ assim se formou e cristalizou a imagem de

Nietzsche libert ” (-255)

Eu vou sendo fortemente provocado por isso que ela afirma.

“

todo momento recair em dogmatismos, ela se d mo um pensamento corrosivo, mas
tamb

vertente construtiva de uma nova vis

a teoria das for no. Longe de serem incompat

excludentes, elas fazem parte de um mesmo empreendimento filos ”

O estado de impasse que se p

processo de “ ” st

individualismo exacerbado). O reconhecimento dessa tens
permanecemos no exagero da moralidade abstrata ou do esteticismo superficial.”

De modo que, se assumimos a necessidade de encarar a educa
processo inventivo de si pr -est
podemos deixar de nos ver com nossa pr
tempo art
ruiu. Mas tal constata
mant
pr -la. Ironicamente, eu diria,
nos instiga nessa dire “
dupla injun tragem, uma escolha,
uma estrat
se empenha em decidir”
artes do mundo da vida ou da inven scindir de um cuidadoso e s
trabalho filos “ ”
empreender

Talvez isso seja como um fio de navalha. Um lugar inc
pode simplificar, recortar, reduzir ao menor denominador comum. Eleger a cr
modernidade para a educa
produto mais caro dessa mesma modernidade. Haver
ordem da temperan ! Talvez isso seja apenas uma grande ilus
renascida pretens -la. Afinal, a
verdade “
mais inconsistente que um regime pol ” ”
podemos “ ” “ ”

Resta-nos o duro e nobre empreendimento de assumirmos a tens
constitui as pretens empor
escolher a pr
que se apresenta quando pretendemos que a educa

A linguagem, com sua bela loucura, produziu o maior e mais ousado projeto de todos os tempos: dar vez, deu a essa pretensão elevando-o -lhe a possibilidade de ficcionar a respeito de si pr -se senhor do mundo. se nutre nossa vontade de Ser. Vale lembrar que a pr por um golpe de linguagem. “ -se a luz, e a luz se fez!”

Seja encarnada no pensamento M soberania da Ilustração com Deus ou com o Homem, a vontade de Ser pretende estabilizar a multiplicidade mundana dando-lhe ordem e viabilidade. Com isso, esqueceu-se que a linguagem linguagem parte o mundo e duplicando-o ficciona um outro mundo, uma outra vida. E cria com isso um horizonte perdido, uma vida que estaria para a verdadeira, mais bela, melhor. Assim, o melhor do mundo passa a ser pelo que lhe falta, aquele mundo perdido que a linguagem e a cultura tentam perseguir, o mundo ideal.

E então persegue sem nunca encontrar, a Verdade, o Ser, o Absoluto. Essa esperança tradi cient de n adv “ tio que sinto do Homem – isto penetrara em minha goela e me sufocava; e aquilo que proclamava o adivinho: ‘ igual, nada vale a pena, o saber nos sufoca.’”

Mas permanece em Nietzsche a problem Talvez n enfermidade.

“
doen
conhecimento e autoconhecimento n
sadia; em suma, se a exclusiva vontade de sa
covardia e talvez um qu ”

A doen sponde aqui a uma esp
conhecimento, da Ci
seriam essa experi
conhecer. Sete dias de caverna.

Sete dias de caverna e uma vida de compuls
conhecimento

Contemporaneamente a apologia da comunica -referente, tamb

educa

das narrativas de um modo geral, ativa essa vontade de Ser e molesta a vida com a loucura da linguagem. Mas talvez n

educa -se com seu pr

h na tens

p

melhor e pior simultaneamente.

entre sa ade, mundo e “ ”

A sa

caverna para reencontrar o mundo. “

mundo est perfumes, que te

procuram; e todos os c

sozinho sete dias, anseiam todas as coisas. – Sai desta caverna! Todas as coisas querem ser teus m ”

Zaratustra sabe que o rem

mais eficaz de afrouxar a linguagem de sua pretens

fazer do cantar uma modinha de realejo. “ – este consolo e esta

cura inventei para mim; tamb ”

Zatustra indica uma necess

Preferir o mundo n

vive, talvez um grande sil “ a de terceiro

grau, ou seja, a uma nova situa

impot -imposta ao uso do poder”

p.183)

N fim da

Modernidade, do Homem, da Verdade, de tudo o que, afinal de contas,

de sua exist

A tese que aponta na dire

um empobrecimento da experi comunica -

referencial acaba por refor

Re-existindo, talvez. Afirmando outros modos de existir e conviver. Numa posi
 sempre imposs , identit
 modernidade, mas tamb -
 moderno. “

mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar
 acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle”

Talvez do sil
 acontecimento, uma condi

Mas aqui o sil logia a liberdade. Trata-se de escolher entre fic
 Conspirar a favor da derrocada do Homem antes que ele se apequene demais. O super-
 homem nietzscheano, an
 sentido pode ser restaurado, com todo o risco de reapropria
 representa.

“ ‘ ,
 mesmos, sem nada ter a oferecer em troca sen
 indica, torna ainda mais sombrio o horizonte no qual j
 rebaixamento de valor e de auto-estima da humanidade, com o sentimento
 torturante de medocriza
 exist ”

A convalescen er sil
 E talvez a educa
 arte da convalescen

“
 vida, lentamente, sem d -se e fica
 em sil
 ficar doente
 per durante mais tempo, durante muito tempo tornar-se sadio, quero
 dizer, ‘ ,
 mesmo a sa ”

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Minima moralia*. Reflex

Eduardo Bicca. S

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel (org). Theodor W. Adorno: Sociologia. 2

ARA da. Foucault e a Cr

ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. S

ARENDR, Hannah. *A condi*

2003.

BARROS FILHO, Cl . LOPES, Felipe. ISSLER, Bernardo. *Comunica*

BARTHES, Roland. *O rumor da l*

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da pol*

BAUMAN, Zygmunt. *Globaliza*

Zahar Ed., 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade l*

BERGSON, Henri. *L'*

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente Bergson*. Tradu

S

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos n*

feminista contempor

BRETON, Philippe. *La utopia de la comunicaci*

SAIC, 2000

CASTEL, Robert. *O psicanalismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

COMTE, A. (1930/1942) *Curso de filosofia positiva*. Comte. Trad. de Jos

S Col. Os Pensadores)

CRAVERI, Benedetta. *La cultura de la conversaci*

Cultura, 2004.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, F

S

- DELEUZE, Gilles. “Virtual”
de Helo
- DELEUZE, Gilles. Conversa
- DELEUZE, Gilles. Deux r -1995. Paris: Les
texto “’est-ce que l’ ” -300.
- DELEUZE, Gilles. L
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. Di
- DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universit
- DERRIDA, Jacques e ROUDINESCO, Elisabeth. De que amanh
Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferen
- DUSSEL, Enrique. O encobrimento do Outro. Petr Vozes, 1993.
- EAGLETON, Terry. Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o p -
modernismo. Rio de Janeiro: Civiliza
- FOUCAULT, Michel. A hemen
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. S
- FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jur
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. 8
(Cole
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Lisboa: Edi
- FOUCAULT, Michel. El inter In: FOUCAULT, Michel. Saber y Verdad.
Madrid: Ediciones de La Piqueta, 1991.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Coll
Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Genealog Buenos Aires: Altamira; Montevideo:
Nordan; s/d.
- FOUCAULT, Michel. Hist
Gaal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. Hist
Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. Microf
- FOUCAULT, Michel. O dossier:

FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

FOUCAULT, Michel. O poder e a norma. In: KATZ, Chaim Samuel. Psicanálise e o desejo. Rio de Janeiro, 1979, p.46-54.

FOUCAULT, Michel. O que é a sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. Tecnologia e poder. 2.ed. Barcelona, Paidós, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, RJ, Vozes, 1975.

GALLO, S.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche como psicólogo. São Paulo: UNISINOS, 2001.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Sonhos e pesadelos da razão e da modernidade. Passo Fundo: UPF, 2005.

GIOVANNINI, Giovanni. Evolução da psicanálise. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOMBAUD, Antoine. Discurso sobre a conversação e a arte de conversar. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GONZALEZ, Michel Foucault. Sjt 503. São Paulo: UNISINOS, 2001.

– (Cl)

Sjt 503. São Paulo: UNISINOS, 2001.

KANT, Immanuel. Sobre a pedagogia. Tradu

UNIMEP, 1996.

KASTRUP, Virg

- NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ci
- NIETZSCHE, Friedrich. Al
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. 11
Janeiro: Civiliza
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano. S
- NIETZSCHE, Friedrich. La volont
Bianquis. Paris: Gallimard, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da trag ac
Cia. Das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. Oeuvres philosophiques compl – Paris: Ed. Gallimard, 1977.
- NIETZSCHE, Friedrich. A genealogia da moral. S
N In: JOSSO, Marie-Christine. Experi
S
- OLSON, David R. O mundo no papel: as implica
da escrita. S
- ONG, Walter. Oralidade e cultura escrita. Campinas: Papirus, 1998.
- ORTEGA, Francisco. Amizade e est
Edi
- ORTEGA, Francisco. Amizade e est
1999.
- ORTEGA, Francisco. Para uma pol : Arendt, Derrida e Foucault. Rio de
Janeiro: Relume Dumar
- P (Pref
- MORELLET... [et al.] A arte de conversar. S – (Cl
- PEDROSA, In uas m
- PEREIRA, Marcos. O desafio da toler
(org.) Tramas da rede. Piracicaba: JM Editores, 2003.
- PERROT, Michelle. O inspetor Bentham. In: BENTHAM, Jeremy. O Pan
Organiza e tradu
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Hist
Aut

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um roteiro para Clio. In FONSECA, T Patr ia G. Cartografias e devires – a constru UFRGS, 2003.
- PLAT
- QUEIROZ, Andr Foucault – o paradoxo das passagens. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999
- QUEIROZ, Andr , o intoler Janeiro: 7 letras, 2004.
- REALE, G. Hist
- ROCHA, S Janeiro: Relume Dumar
- RODRIGUES, Ada Natal. Vida e obra. In: Os Pensadores: Saussure, Jakobson, Hjelmslev, Chomsky. 2
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir - uma perspectiva trabalho acad In Cadernos de Subjetividade/N Subjetividade do Programa de estudos P -Graduados em Psicologia CI -SP. - v.1, n.2 (1993) - S
- ROSSET, CI ’
- SAFRANSKI, R ger. Nietzsche – biografia de uma trag Paulo: Gera
- SCIACCA, Michele Federico. Hist s/d.
- SENNETT, Richard. O decl a intimidade. S Companhia das Letras, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Teoria cultural e educa Aut
- SLOTERDIJK, Peter. Sobre la mejora de la Buena Nueva – El quinto “ ” Nietzsche. Traducci
- TRUBLET, Abade Nicolas-Charles-Joseph. Da conversa arte de conversar. S – (CI

WITTGENSTEIN, L. Carnets secrets. 1914-1916. Tradu
Cometti. Tours: Farrago, 2001

-Pierre

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investiga
1975.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, J

2003.

ANAXIMANDRO, PARM

Vozes, 1991.

ANDERSON, Harlene. Conversaci
1999.

Buenos Aires: Amorrortu,

AROCHE, Claudine. Da palavra ao gesto. Campinas: Papirus, 1998.

BERGSON, Henri. Mat

BERTRAND, Yves. Teorias contempor
2001

BRETON, Philippe. Sociologia da comunica

CAIAFA, Janice. Nosso s

Relume Dumar

CASTEL, Robert. "Conclusi

Barcelona: Anagrama, 1980.

CASTEL, Robert. De la peligrosidad al riesgo. In: Materiales de sociolog
La piqueta, 1986.

CONSTANTINO, N e reabilita
converg

Aventura (auto)biogr

COSTA, Jurandir Freire. A face e o verso. S

COSTA, Jurandir Freire. Sem fraude nem favor. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, F
1995.

- DELEUZE, Gilles. Critique et clinique. Paris: Minuit, 1993.
- DELEUZE, Gilles. Diferen : Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: R
- ERIBON, Didier. Michel Foucault 1926-1984. S
- FERAZ, Maria Cristina Franco. Nove varia
Relume Dumar 2.
- FOUCAULT, Michel. Eu, Pierre Rivi
2
- FOUCAULT, Michel. Hist
1985a.
- FOUCAULT, Michel. Lo que digo y lo que dicen que digo. In: TARCUS, Horacio (comp.)
Disparen sobre Foucault. Buenos Aires: El cielo por asalto, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Resumo dos Cursos do Coll -1982. Rio de
Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GABILONDO, Angel. Menos que palabras. Madrid: Alianza editorial, 1999.
- KEHL, Maria Rita. Ressentimento. S
- LEVY, Tatiana Salem. A experi
Janeiro: Relume Dumar
- LYOTARD, Jean-Fran -moderno. Rio de Janeiro: Jos
- MACHADO, Roberto. Ci
- MACHADO, Roberto. Nietzsche e a Verdade. 2
- MAFESSOLI, Michel. O mist
- MARCONDES FILHO, Ciro. O escavador de sil
- MARTON, Scarlett. (org.) Nietzsche abaixo do Equador. S
Editora UNIJU
- MARTON, Scarlett. (org.) Nietzsche na Alemanha. S
UNIJU
- MATOS, Olg Filosofia : a polifonia da raz
Paulo: Scipione, 1997.
- MOREY, Miguel. El hombre como argumento. Barcelona: Anthropos, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. Considera sen
Martins Fontes, 1976.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)